



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Centro de Artes, Humanidades e Letras
Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública

LEONARDO DA CRUZ DOS SANTOS MARTINS

**Possibilidades da Economia da Cultura e Criativa
como fator de Desenvolvimento socioeconômico para
Cachoeira/Bahia.**

CACHOEIRA - BA, MARÇO DE 2017.

LEONARDO DA CRUZ DOS SANTOS MARTINS

**Possibilidades da Economia da Cultura e Criativa
como fator de Desenvolvimento socioeconômico para
Cachoeira/Bahia.**

Trabalho de Conclusão de curso do curso de Tecnologia em Gestão Pública da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, feito pelo estudante Leonardo da Cruz dos Santos Martins como requisito para avaliação da Disciplina TCC II, sob a orientação do Professor Jorge Antonio Santos Silva.

CACHOEIRA - BA, MARÇO DE 2017.

LEONARDO DA CRUZ DOS SANTOS MARTINS

POSSIBILIDADES DA ECONOMIA DA CULTURA E CRIATIVA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO PARA CACHOEIRA/BAHIA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública.

Aprovado em 05 de abril de 2017.

Jorge Antonio Santos Silva – Orientador

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Daniela Abreu Matos

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Lúcia Maria Aquino de Queiroz

Doutora em Planificação Territorial Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

À minha mãe Célia da Cruz dos Santos Martins,
minha avó Urania da Cruz dos Santos, familiares e
amigos pelos conselhos e apoio.

Agradecimentos

Enfim chegou o dia mais esperado, o dia da conclusão da minha graduação. Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por ter me ajudado a chegar até aqui, a caminhada foi longa, com muitas dificuldades, mas o Senhor me sustentou.

Quero agradecer a minha mãe Célia da Cruz dos Santos Martins, pelo seu amor, carinho e apoio (tanto financeiro, como motivacional), mulher guerreira, uma “Pãe” em todos os sentidos.

Aos meus irmãos, Celso e José Paulo (Pepe) pelos conselhos, puxões de orelha, não me deixando desistir.

Agradeço, também, as pessoas que me ajudaram durante a caminhada estudantil, me dando abrigo e apoio, minha prima-irmã Joanita, meu parceiro Ruy, Dona Maria que ofertou abrigo durante boa parte do curso, para que eu pudesse passar a noite depois das aulas. E não poderia me esquecer da minha avó Urania que, mesmo indiretamente, me ajudou muito durante esse tempo.

Tenho uma gratidão enorme aos responsáveis pelas melhores risadas, resenhas, trocas de experiências e a maioria dos trabalhos em grupo, minha galera do fundão: Leandro, Ronaldo, Ivonete, Mariana, Rafael e não me esquecendo de Luciana Castelo, que esteve comigo, mesmo que a distância.

Gostaria de agradecer aos docentes do curso que me passaram um pouco de seus conhecimentos durante esse tempo, de maneira especial, ao meu Professor e orientador Jorge Antonio por sua disponibilidade e atenção durante toda a caminhada.

E tantas outras pessoas que passaram em minha vida e de forma direta ou indiretamente me ajudaram a chegar até aqui. Muito obrigado!

Resumo

Existem no Brasil cidades com acervo patrimonial histórico, cidades que possuem áreas tombadas ou centro histórico, entre essas cidades, muitas foram perdendo importância nacional com o passar do tempo, transformando-se um local esquecido, com inúmeras ruínas e prédios que se tornaram um empecilho para a atual conjuntura modernizadora, tornando-se um dever e desafio para os governantes municipais em tornar a cidade mais atraente e que possibilite o seu desenvolvimento por meio de seus atributos e potencialidades. Nesse sentido, coube a esse trabalho de conclusão analisar a possibilidade de Cachoeira, cidade histórica, em se desenvolver a partir de suas características, utilizando os setores e atividades da Economia da Cultura e criativa para esse fim. Para uma melhor compreensão do cenário e possibilidades, o trabalho foi dividido em três partes: em um primeiro momento é apresentado a Economia da Cultura e Criativa, seu conceito, surgimento, atividades e setores, e seus polos e cidades criativas; no segundo momento apresenta-se a História e as condições atuais de Cachoeira, nosso objeto de estudo, e no terceiro momento inicia-se a discussão sobre as entrevistas feitas com Professores e o Funcionário da Secretaria de Cultura e Turismo de Cachoeira. A pesquisa foi basicamente qualitativa. Foram dois procedimentos metodológicos: Entrevistas semiestruturada com Professores de História da cidade e com o Funcionário da Secretaria de Cultura e Turismo e a observação simples para a percepção da realidade da cidade e suas possibilidades. As dificuldades na implantação da Economia da Cultura e Criativa como um fator de desenvolvimento para a cidade perpassam pela falta de investimento e comprometimento dos Gestores Públicos para alcançar esse fim, até mesmo na conscientização da população da importância do acervo patrimonial para a cidade.

Palavras-chave: Economia da Cultura e Criativa, Criatividade, Patrimônio, História, Cultura, Cachoeira/BA.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------------------------------|----|
| 1. Introdução..... | 07 |
| 2. Economia da cultura e criativa..... | 09 |
| 2.1. Contexto e conceitos..... | 09 |
| 2.2. Cidades criativas..... | 23 |
| 2.3. Polos (regiões) criativos..... | 30 |
| 3. A economia da cultura e criativa: o caso de Cachoeira..... | 36 |
| 3.1. Histórico da cidade e condições atuais..... | 36 |
| 3.2. Análise de entrevistas..... | 49 |
| 4. Considerações finais..... | 56 |
| Referências Bibliográficas..... | 59 |
| Apêndices..... | 63 |
| Termo de consentimento..... | 64 |
| Roteiro de entrevista semiestruturada..... | 65 |

1 - Introdução

Este estudo visa analisar as possibilidades do aproveitamento de atividades e setores relacionados à economia da cultura e criativa em prol do desenvolvimento socioeconômico de Cachoeira, Bahia. Assim, o estudo tem como ponto principal a possível utilização de setores/atividades da Economia da cultura e criativa em Cachoeira, por ser uma cidade histórica, com características peculiares e áreas tombadas, considerada pelo o Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetura Nacional (IPHAN) uma “joia do patrimônio histórico brasileiro”. Desse modo, a pergunta que encaminha a pesquisa é: Por ser Cachoeira uma cidade com elevado patrimônio histórico e cultural, rica em elementos imateriais de relevante conteúdo e valor simbólico, há possibilidades do aproveitamento de atividades e setores relacionados à economia da cultura e criativa em prol do seu desenvolvimento socioeconômico?.

A economia da cultura e criativa surgiu na Europa na década de 1990, impulsionada pelo um novo modelo de desenvolvimento: absorção de riquezas a partir da criatividade de um lugar. De acordo com Caiado (2011), a criatividade passou a ser entendida como uma fonte inesgotável de recursos, por caracteriza-se pela sua abundância: quanto mais se explora, se tem. Tornando-se uma importante forma de atuação pelos governantes de instituições públicas e privadas. Alcançando importância acerca dos processos de formulação e implantação de políticas públicas, aspirando ao desenvolvimento local e socioeconômico.

No Brasil, a Economia da Cultura e Criativa alcançou relevância nacional, no século XXI, a partir da criação da Secretaria da Economia Criativa - – criada pelo Decreto 7743, de 1º de junho de 2012, ligada ao Ministério da Cultura, considerando importante a identificação e distinção dos setores econômicos tradicionais e os setores criativos.

Considera-se a Economia criativa como um conjunto de atividades, setores, bens e serviços culturais, que possuem condições tanto culturais como econômica. As atividades produtivas têm como insumos principais a criatividade e o conhecimento, caracterizado pela abundância e não pela escassez.

Assim, como os setores criativos, a Economia da Cultura e criativa também engloba os polos (regiões) e cidades criativas, compreendendo como cidades que se caracterizam pela sua criatividade, individual ou coletivamente, por meio dos polos (regiões) criativos.

Este estudo analisa a possibilidade de haver em Cachoeira-Ba setores e atividades relacionadas à Economia da cultura e criativa, tornando-se uma cidade criativa, já que Cachoeira-Ba se caracterizam por seus atributos cultural, patrimonial e histórico, adequando suas potencialidades turísticas ao desenvolvimento socioeconômico em médio e longo prazo.

Assim sendo, o trabalho que agora se apresenta tem como objetivo geral analisar as possibilidades do aproveitamento de atividades e setores relacionados à economia da cultura e criativa em prol do desenvolvimento socioeconômico de Cachoeira-Ba. Compreendendo os objetivos específicos que são: 1. Conhecer a história, características arquitetônicas e culturais de Cachoeira. 2. Apontar o uso da centralidade cultural como fator de desenvolvimento da cidade de Cachoeira. 3. Identificar a existência em Cachoeira de atividades e setores socioeconômicos relacionados à economia da cultura e criativa.

O trabalho estrutura-se em quatro capítulos. Inicialmente apresenta-se a Introdução; o segundo capítulo refere-se à Economia da cultura e criativa. Nele se aborda o conceito da Economia da cultura e criativa, seu surgimento, as transformações ocorridas em seu nome e abrangência, discute-se, também, os setores e atividades pertencentes a essa economia, como, também, as cidades criativas e os polos (regiões) criativos.

O terceiro capítulo trata-se do objeto de estudo do trabalho, Cachoeira-Ba, com sua história e condições atuais, cita-se os principais monumentos e igrejas da cidade, o panorama econômico e cultural, suas festividades e características.

Ao final do estudo, nas Considerações finais, se analisa as entrevistas, identificando-se deficiências e possibilidades, a fim do aproveitamento das características de Cachoeira para o seu desenvolvimento socioeconômico.

2 - Economia da cultura e criativa

2.1. Contexto e conceitos

Durante a década de 1990, período caracterizado por muitas transformações na conjuntura político-econômica mundial, surgiu na Europa um novo modelo econômico, cujo principal produto era a criatividade de determinado local ou segmento, que, conseqüentemente, levaria à criação e absorção de riqueza, denominada de Economia Criativa. Anteriormente, surgiram inúmeras nomenclaturas para tal modelo, que se encaminharam em um ciclo de nomes e conceitos: iniciou-se como economia da arte, logo em seguida para indústrias culturais, economia da cultura e, por centrar-se em um novo conceito, denominado indústrias criativas, passou a compreender um conjunto de indústrias caracterizado pela criatividade, logo depois se ampliando para economia criativa, englobando os chamados “setores criativos”.

Para a compreensão dos diversos nomes e suas transformações até chegar à economia da cultura e criativa, torna-se necessário percorrer um caminho de termos e conceitos, que são interligados pelas características, e que levaram a diversas nomenclaturas durante o processo de abrangência conceitual desse modelo econômico, inicialmente denominados como economia da arte, indústrias culturais, economia da cultura, indústrias criativas, economia criativa, caracterizada pelos chamados “setores criativos”.

A economia da arte é uma área da economia da cultura que se expandiu, seu desenvolvimento foi impulsionado pelo chamado negócio do entretenimento, negócio promissor por sua motivação cultural, ocasionando mudanças nos gostos dos consumidores, atraindo investidores interessados nesse mercado.

A demanda da arte sempre esteve fortemente ligada ao mercado financeiro, tratava-se de um bem de luxo escolhido pelo investidor como proteção contra as flutuações econômicas. Anteriormente, o consumo artístico sempre esteve à margem da economia, por se tratar de algo intangível e não ter um valor definido, pois, geralmente, são produtos únicos difíceis ou impossíveis de avaliar, que podem não ter produtos equivalentes ou concorrentes que possibilitem, comparativamente, tal avaliação.

Segundo Machado (2009), para que possa incorporar à perspectiva comercial a produtos culturais é necessário que seja realizado de forma a preservar o valor cultural dos bens e serviços, considerando que estas esferas não devem se contradizer, mas sim serem trabalhadas de maneira conciliável, tanto no âmbito econômico, quanto no âmbito cultural.

Por sua vez, as indústrias culturais se originaram a partir da demanda de tempo das atividades culturais, pois dependia-se do fator trabalho para se produzir/apresentar determinada obra, a qual, por suas peculiaridades, não possibilitavam uma redução do tempo utilizado em sua composição. Nesse sentido, o número de espectadores e apresentações não poderia ser aumentado, o que levaria à elevação do preço do ingresso para, conseqüentemente, aumentar a receita e a remuneração dos artistas.

Com o avanço tecnológico, começaram a serem produzidas reproduções artísticas e culturais gravadas que poderiam ser duplicadas (cinema, livro, CD, DVD, etc.). Desta forma, o número de espectadores aumentou bastante, reduzindo o custo unitário de produção, baixando os preços e tornando possível a fruição cultural a mais pessoas. Entra-se, então, na era das “indústrias culturais”, passo importante para o surgimento da economia criativa. (ESCALEIRA, 2009)

Segundo a UNESCO (2006), o termo indústria cultural refere-se às indústrias que combinam a criação, produção e comercialização de conteúdos criativos que são intangíveis e de natureza cultural. Os conteúdos costumam ser protegidos por direitos autorais e os produtos podem ser bens ou serviços.

A indústria cultural evoluiu no que tange a sua percepção como mercadoria por meio de uma valorização monetária, os produtos culturais estavam cheios de propaganda e ilusão, exercendo um papel de imposição de um padrão de consumo determinado entre os consumidores, mesmo sendo zeladas pela singularidade e autenticidade, as indústrias culturais produzem uma mercadoria cultural, distorcendo o real conceito da produção cultural. (ASSUNÇÃO, 2016).

Nesse contexto, a produção cultural na sociedade passou a se relacionar e atuar como uma produção econômica, obedecendo, portanto, à lógica comercial e do lucro. Partindo dessa ideia, toda a produção relacionada à indústria cultural é definitivamente uma mercadoria. As indústrias culturais tinham como papel principal a organização dos produtores culturais, dessa forma, tornariam os indivíduos dependentes dessas indústrias para o escoamento de sua produção, assim impediam a formação de autônomos, atingindo seu objetivo principal. Por causa desse objetivo, as indústrias culturais passaram a ser bastante criticadas por vários autores, principalmente por aqueles que se interessavam pelo estudo da cultura, pois a produção cultural perdia seu sentido real, passando a ser um segmento integralmente econômico.

Com a necessidade de substituir o termo indústria cultural, e por haver uma preocupação de se afastar a dimensão negativa e crítica desse termo, tornou-se necessário encontrar uma denominação que pudesse dar conta de uma série de atividades não contempladas pelo conceito de indústria cultural, compreendendo a economia da cultura como um movimento mais amplo.

A economia da cultura abrange as indústrias culturais (já partindo da definição de que estas carregam conteúdos potencialmente culturais e concretizam seu valor econômico no mercado). Porém, a economia da cultura certamente não se limita a elas, compreendendo complementarmente atividades que não integram as indústrias culturais, como artesanato, turismo cultural, festas e tradições, patrimônios tangíveis e intangíveis e afins. (MACHADO, 2009, p. 92)

Essa categoria entende que os bens e serviços culturais trazem em si um valor cultural e um valor econômico. Essa perspectiva compreende que as duas instâncias não se contradizem, mas que podem se conciliar sem uma anular a outra, além de incorporarem uma série de atividades que remetem à diversidade cultural, que pode ou não se relacionar com a economia a partir da produção cultural (Machado, 2009).

Depois da economia da cultura, a produção de atividades culturais passou a ser denominado de indústrias criativas, termo que reunia os campos das artes, indústrias culturais e as novas tecnologias digitais de informação. As indústrias criativas contêm de diversas dimensões da produção e do consumo cultural, compreendendo uma grande variedade de atividades que possuem como principal insumo e produto a criatividade.

[...] um conjunto de atividades que possuem como elemento fundamental, a criatividade, encontram-se inseridas diretamente no processo industrial e estão sujeitas à proteção dos direitos autorais. Com isso, as características da indústria criativa que, por um lado, podem ser reproduzíveis em escala industrial. (JAGUARIBE, 2004 apud PUJOL, 2012, p. 65)

Segundo Jaguaribe (2006), as indústrias criativas englobam a produção de bens e serviços que utilizam imagens, textos e símbolos como meio, guiadas pelo regime intelectual e tecnológico das novas tecnologias da informação. Uma grande gama de processos, produtos e serviços que são baseados na criatividade, mas que têm as suas origens em coisas muito mais tradicionais, por exemplo, o artesanato, utilizando a tecnologia como forma de distribuição de bens, serviços e produtos.

Atividades que tem a sua origem na criatividade, competências e talento individual, com potencial para a criação de trabalho e riqueza por meio da geração e exploração de propriedade intelectual [...]. As indústrias criativas têm por base indivíduos com capacidades criativas e artísticas, em aliança com gestores e profissionais da área tecnológica, que fazem produtos vendáveis e cujo valor econômico reside nas suas propriedades culturais (ou intelectuais). (DCMS, 2005 apud SERAFIM, 2012, p. 7).

Reis (2008) sustenta que:

Indústrias criativas são entendidas como um conjunto de setores econômicos específicos, cuja seleção é variável segundo a região ou país, conforme seu impacto econômico potencial na geração de riqueza, trabalho, arrecadação tributária e divisas de exportações. (REIS, 2008, p. 24).

Nessa perspectiva, as indústrias criativas são compreendidas de forma diferente dependendo da região¹ e país, pois em cada lugar a economia atua com um potencial diferente.

Existem diferentes modelos de classificação das indústrias culturais e criativas. Conforme Throsby (2007), apresenta-se nos Quadros 1 e 2 seis desses modelos:

¹ Trata-se de uma porção territorial definida pelo senso comum de um determinado grupo social, cuja permanência em uma determinada área foi suficiente para estabelecer características muito próprias na sua organização social, cultural e econômica. Este espaço é, portanto socialmente criado e vai se diferenciar de outros espaços vizinhos por apresentar determinadas características comuns que são resultantes das experiências vividas e historicamente produzidas pelos próprios membros das suas comunidades. (RIBEIRO, 1993 apud CARVALHO, 2002, p. 146)

1. **DCMS model** (UK Department of Culture, Media and Sport, *The Creative Industries Mapping Document 2001*, London: DCMS, 2001).
Modelo DCMS
Baseado em atividades que requerem criatividade, habilidade e talento, com potencial para a criação de riqueza e trabalho por meio da exploração da propriedade intelectual.
2. **Symbolic texts model** (David Hesmondhalgh, *The Cultural Industries*, London: Sage, 2002).
Modelo de textos simbólicos
Baseado em indústrias concernentes com a produção industrial e a disseminação de textos simbólicos.
3. **Concentric circles model** (David Throsby, *Economics and Culture*, Cambridge: Cambridge University Press, 2001).
Modelo dos círculos concêntricos
Baseado na origem e difusão de ideias criativas, na forma de som, texto e imagem, a partir de um núcleo de artes criativas.
4. **WIPO copyright model** (World Intellectual Property Organisation, *Guide on Surveying the Economic Contribution of the Copyright-based Industries*, Geneva: WIPO, 2003).
Modelo da Organização Mundial da Propriedade Intelectual
Baseado em indústrias envolvidas direta ou indiretamente na criação, manufatura, produção, transmissão e distribuição de trabalhos com direitos autorais.
5. **UIS trade-related model** (UNESCO Institute for Statistics, *International Flows of Selected Cultural Goods and Services 1994–2003: Defining and Capturing the Flows of Global Cultural Trade*, Montreal: UIS, 2005).
Modelo do Instituto de Estatísticas da UNESCO
Baseado em bens e serviços culturais inseridos no comércio internacional.
6. **Americans for the Arts model** (Americans for the Arts, *Creative Industries 2005: The Congressional Report*, Washington DC: Americans for the Arts, 2005).
Modelo de Americanos pelas Artes
Baseado em negócios envolvidos com a produção ou distribuição das artes (“arts-centric businesses” / “negócios artes-centrados”).

Quadro 1 - **Modelos das indústrias criativas/culturais**

Fonte: THROSBY, 2007.

1. DCMS Model

Publicidade
Arquitetura
Artes e mercado de antiguidades
Artesanato
Desenho (Design)
Moda
Cinema e vídeo
Música
Artes cênicas
Indústria editorial
Software
Televisão e rádio
Videojogos e jogos de computador

4. WIPO Copyright Model

Indústrias que dependem principalmente dos direitos de autor

Publicidade
Entidades de gestão coletiva
Cinema e vídeo
Música
Artes cênicas
Indústria editorial
Software
Televisão e rádio
Artes gráficas e visuais

Indústrias interdependentes relacionadas com o direito do autor

Estúdios de gravação
Produtos eletrônicos de consumo
Instrumentos musicais
Indústria do papel
Fotocopiadoras, equipamentos fotográficos

Indústrias que dependem parcialmente do direito do autor

Arquitetura
Roupa, calçado
Desenho (Design)
Moda
Utensílios domésticos
Brinquedos

2. Symbolic Texts Model

Indústrias culturais principais
Publicidade
Cinema
Internet
Música
Indústria editorial
Televisão e rádio
Videojogos e jogos de computador

Indústrias culturais periféricas
Artes criativas

Indústrias culturais fronteiriças
Aparelhos eletrônicos
Moda
Software
Esportes

5. UIS Trade-related Model

Indústrias em âmbitos culturais fundamentais

Museus, galerias e bibliotecas
Artes cênicas
Festivais
Artes visuais, artesanato
Desenho (Design)
Indústria editorial
Televisão, rádio
Cinema e vídeo
Fotografia
Meios de comunicação

Indústrias em âmbitos culturais ampliados

Instrumentos musicais
Equipamentos de som
Arquitetura
Publicidade
Equipamentos de impressão
Software
Hardware audiovisual

3. Concentric Circles Model

Artes criativas nucleares
Literatura
Música
Artes cênicas
Artes visuais

Outras indústrias culturais principais
Cinema
Museus e bibliotecas

Indústria cultural ampliada
Serviços do patrimônio
Indústria editorial
Gravação de áudio
Televisão e rádio
Videojogos e jogos de computador

Indústrias relacionadas
Publicidade
Arquitetura
Desenho (Design)
Moda

6. Americans for the Arts Model

Publicidade
Arquitetura
Escolas de artes e serviços
Desenho (Design)
Cinema
Museus, zoológicos
Música
Artes cênicas
Indústria editorial
Televisão e rádio
Artes visuais

Quadro 2 - **Modelos das indústrias criativas/culturais: sistemas de classificação**

Fonte: THROSBY, 2007 e UNESCO, 2014, p. 22.

Dentre os modelos acima apresentados, se destaca a abordagem dos círculos concêntricos, elaborada por David Throsby. Este modelo,

[...] afirma que as ideias criativas se originam no núcleo das artes criativas na forma de som, texto e imagem e se difundem para o exterior por meio de uma série de camadas ou círculos concêntricos, com a razão entre os conteúdos cultural e comercial declinando à medida que se move para fora do núcleo [...]. (VALIATI, 2013, p. 10)

Essa lógica pode ser visualizada na Figura 1, que representa o modelo dos círculos concêntricos das indústrias culturais e criativas. O círculo menor corresponde ao núcleo das artes criativas fundamentais, em seguida vem o círculo ocupado por outras indústrias culturais principais, no próximo círculo situam-se as indústrias culturais e criativas ampliadas, e no círculo maior as indústrias relacionadas, conforme já descrito no Quadro 2.

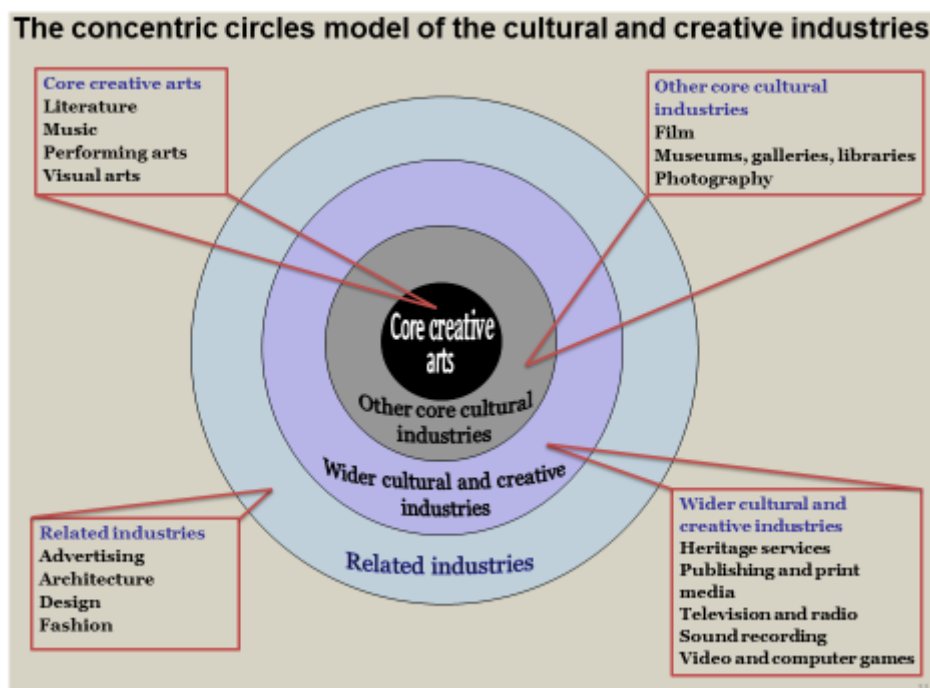


Figura 1 – O modelo dos círculos concêntricos das indústrias culturais e criativas
Fonte: THROSBY, 2015.

A Figura 2, mostra uma configuração mais recente do modelo dos círculos concêntricos, elaborada pela Work Foundation, do Reino Unido. Assim apresentado, o modelo evidencia “uma distinção entre as indústrias culturais e criativas, situando ambas dentro da economia como um todo, [plasmando] a estreita conexão entre a expressão criativa e a propriedade intelectual/direitos do autor” (UNESCO, 2014, p. 23).

No círculo menor, o núcleo do modelo, encontram-se os âmbitos criativos básicos, contendo os produtos comerciais que possuem um alto nível de valor expressivo, que demandam a proteção do direito do autor. O círculo seguinte traz as indústrias culturais, compreendendo as atividades que conduzem à reprodução massiva dos produtos expressivos do núcleo, respeitando os direitos do autor. Segue-se o círculo que contém as atividades e indústrias criativas, com o uso do valor expressivo sendo

essencial para o comportamento dessas atividades e indústrias. O círculo maior retrata o resto da economia, abrangendo todos os setores manufatureiros e de serviços que se beneficiam e exploram os produtos expressivos gerados pelas indústrias culturais e criativas. (UNESCO, 2014).

A partir dos modelos apresentados, chega-se aos sistemas de classificação que irão possibilitar a delimitação e o enquadramento dos “setores criativos”.

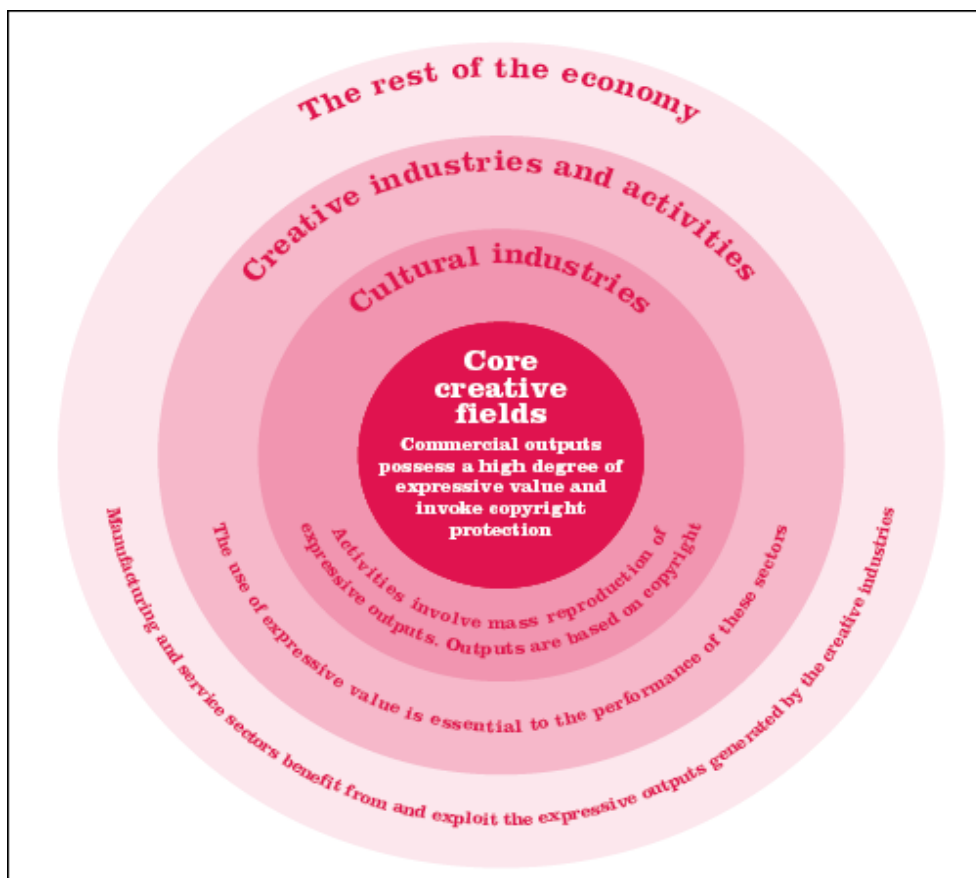


Figura 2 – O conteúdo das indústrias criativas no modelo de círculos concêntricos

Fonte: WORK FOUNDATION, 2007, p. 103.

Os “setores criativos são as atividades produtivas que apresentam como processo principal um ato criativo gerador de valor simbólico, elemento este, base da formação do preço, e que irá resultar na produção de riqueza cultural e econômica” (SERAFIM, 2012, p. 3).

Esses setores caracterizam-se pela centralidade das ações e atuações criativas, transformando a criatividade existente no local em possíveis atividades geradoras de riquezas cultural e/ou econômica. Essa produção abrange desde setores típicos da cultura, categorizados como artístico-cultural (música, dança, ópera, teatro, fotografia, etc.), além de outras expressões ou atividades relacionadas às novas mídias, à indústria de conteúdos, ao *design*, à arquitetura, setores que promovem e instigam a criatividade de seus atores (BRASIL, 2012).

Nas Figuras 3 e 4, apresenta-se a configuração dos setores criativos e das atividades relacionadas/associadas, conforme abordagem da Secretaria da Economia Criativa. (BRASIL, 2012).



Figura 3 – Escopo dos Setores Criativos

Fonte: BRASIL, 2012, p. 27.

SETORES CRIATIVOS NUCLEARES ATIVIDADES RELACIONADAS

| SETORES CRIATIVOS NUCLEARES MACRO-CATEGORIAS | ATIVIDADES ASSOCIADAS |
|-------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| A. Patrimônio natural e cultural | <ul style="list-style-type: none"> • Museus • Sítios históricos e arqueológicos • Paisagens culturais • Patrimônio natural |
| B. Espetáculos e celebrações | <ul style="list-style-type: none"> • Artes de espetáculo • Festas e festivais • Feiras |
| C. Artes visuais e artesanato | <ul style="list-style-type: none"> • Pintura • Escultura • Fotografia • Artesanato |
| D. Livros e periódicos | <ul style="list-style-type: none"> • Livros • Jornais e revistas • Outros materiais impressos • Bibliotecas (incluindo as virtuais) • Feiras do livro |
| E. Audiovisual e mídias interativas | <ul style="list-style-type: none"> • Cinema e vídeo • Tv e rádio (incluindo internet) • Internet podcasting • Video-games (incluindo onlines) |
| F. Design e serviços criativos | <ul style="list-style-type: none"> • Design de moda • Design gráfico • Design de interiores • Design paisagístico • Serviços de arquitetura • Serviços de publicidade |

Figura 4 – Atividades relacionadas/associadas aos Setores Criativos Nucleares

Fonte: BRASIL, 2012, p. 28.

De acordo com a Secretaria da Economia Criativa, os setores criativos são aqueles cujas atividades produtivas têm como insumos principais a criatividade e o conhecimento, caracterizados pela variedade infinita e abundância, e não pela escassez. Pois, utiliza o intelecto humano e cultural do local para a produção de bens e serviços, insumos que, por se tratarem de elementos simbólicos, são renováveis e ilimitados.

Na visão da economia criativa a principal fonte de oportunidades e do desenvolvimento de determinado local são seus atrativos, os quais se diferenciam de outros lugares, como a beleza natural, arquitetônica e paisagística.

Economia Criativa é o ciclo que engloba a criação, produção e distribuição de produtos e serviços que usam a criatividade, o ativo intelectual e o conhecimento como principais recursos produtivos. São atividades econômicas que partem da combinação de criatividade com técnicas e/ou tecnologias, agregando valor ao ativo intelectual. Ela associa o talento a objetivos econômicos. É, ao mesmo tempo, ativo cultural e produto ou serviço comercializável e incorpora elementos tangíveis e intangíveis dotados de valor simbólico. (CAIADO, 2011, p. 15)

Nesse contexto, países como o Brasil, subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, observaram esse novo modelo de economia como forma de gerar emprego, renda e riqueza. No caso do Brasil, esse modelo se reveste em uma estratégia

importante, tendo em vista ser um país extremamente diversificado em seus atrativos culturais, porém, sem força econômica para disputar em outros setores com países considerados desenvolvidos, os quais, normalmente, possuem economias mais avançadas e estáveis.

Alves (2012) supõe que os governos dos países caracterizados por economias frágeis despertaram e demonstraram o maior interesse na formulação e implementação de políticas na área da economia da cultura e criativa, como forma de impulsionar suas economias em segmentos nos quais possuem potencial de desenvolvimento, conforme segue:

[...] os governos dos chamados países em desenvolvimento, como o Brasil, têm disputado o significado mais legítimo da categoria economia criativa, fornecendo-lhe um significado local tributário das lutas e interesses que se acentuam por ocasião da formulação e implementação de políticas inspirada na categoria economia criativa, [...] que envolve categorias como economia da cultura, indústrias da criatividade e economia criativa. (ALVES, 2012, p.3)

Este autor ressalta que os governos passaram a enxergar a economia criativa como uma oportunidade de desenvolvimento local², formulando políticas estratégicas para o alcance de objetivos de desenvolvimento. Alves afirma que:

Depreende-se, desse modo, que a categoria de economia criativa é uma construção simbólico-discursiva erigida em meio às transformações político-econômicas da última década do século XX. Seu núcleo de significado consiste em revelar, por um lado, a plêiade de atividades e realizações artístico-culturais contidas em uma série de bens e serviços culturais, por outro, opera como registro discursivo capaz de engendrar novas práticas e fundo de saberes considerado eminentemente criativo. (ALVES, 2012, p. 3)

Nesse sentido, Reis (2008) afirma que esse novo modelo de adquirir resultados socioeconômicos vem crescendo com a diversificação de fatores utilizados e a falência dos modelos econômicos tradicionais, devendo-se

[...] a uma confluência de fatores o amálgama que impulsionou a formação de uma nova dinâmica de processos e modelos sociais, culturais e econômicos, no qual a economia criativa encontra um terreno fértil. Dentre eles destacam-se a globalização, as novas mídias, a falência dos modelos econômicos tradicionais em promover desenvolvimento e inclusão e a valorização do conhecimento não só técnico, mas cultural. Sendo assim, embora não haja novidade no reconhecimento da criatividade como matéria-prima de inovações, ela passa a ser vista agora como recurso básico de uma economia que se pauta por uma nova arquitetura de relações e modelos [...]. (REIS, 2008, p. 130)

² O desenvolvimento local é um resultado que se encontra no cruzamento de dois emergentes sistêmicos: um que resulta da interação do território com sua vizinhança, e outro que resulta da interação interna do sistema (desenvolvimento). (BOSIER, 2005 In SIEDENBERG, 2006, p.70).

No Brasil, a economia criativa pode ser implantada, principalmente, por meio do turismo cultural, pelo seu potencial nessa área, caracterizado pelo leque de atrações que dispõe e que não é explorado como poderia ser, pois, ainda é pequeno o investimento do governo, além de necessitar de um maior engajamento nos instrumentos que forneça a inclusão da economia criativa como um fator de desenvolvimento socioeconômico para o Brasil. Para que o turismo cultural seja utilizado como uma atividade relacionada à Economia criativa no Brasil, podendo transforma-se em uma atividade que condicione um desenvolvimento socioeconômico, se necessitaria de serviços específicos para esse fim, como: transporte, agenciamento turístico, hospedagem, eventos, entretenimento e outras atividades complementares.

O Turismo Cultural implica em experiências positivas do visitante com o patrimônio histórico e cultural e determinados eventos culturais, de modo a favorecer a percepção de seus sentidos e contribuir para sua preservação. Vivenciar significa sentir, captar a essência, e isso se concretiza em duas formas de relação do turista com a cultura ou algum aspecto cultural: a primeira refere-se às formas de interação para conhecer, interpretar, compreender e valorizar aquilo que é o objeto da visita; a segunda corresponde às atividades que propiciam experiências participativas, contemplativas e de entretenimento, que ocorrem em função do atrativo motivador da visita. (BRASIL, 2010, p.16)

Essa atividade ocorre em cidades ou regiões que possuem uma elevada concentração de patrimônio histórico-cultural, esse turismo origina-se do interesse das pessoas em conhecer e sentir de perto a história e a cultura de um lugar, com seus bens materiais e imateriais.

Considera-se patrimônio histórico e cultural os bens de natureza material e imaterial que expressam ou revelam a memória e a identidade das populações e comunidades. São bens culturais de valor histórico, artístico, científico, simbólico, passíveis de se tornarem atrações turísticas: arquivos, edificações, conjuntos urbanísticos, sítios arqueológicos, ruínas, museus e outros espaços destinados à apresentação ou contemplação de bens materiais e imateriais, manifestações como música, gastronomia, artes visuais e cênicas, festas e celebrações. Os eventos culturais englobam as manifestações temporárias, enquadradas ou não na definição de patrimônio, incluindo-se nessa categoria os eventos gastronômicos, religiosos, musicais, de dança, de teatro, de cinema, exposições de arte, de artesanato e outros. (BRASIL, 2010, p. 16/17)

O turismo cultural utiliza o patrimônio do lugar como uma forma de alcançar o desenvolvimento para a cidade. Esse desenvolvimento se caracterizaria como o melhoramento da condição social da população, influenciaria diretamente na realidade financeira e social dessas pessoas, pois empregos seriam gerados, a criatividade existente no local transformaria em um possível valor econômico, ocasionando a melhoria das condições de vida das pessoas.

A economia criativa [...] por suas características próprias, apresenta um enorme potencial de transformação e inclusão socioeconômica para o Brasil,

se o país souber entender e se inserir nas novas dinâmicas e arranjos institucionais que se formam nessa economia (e.g. processos colaborativos, redes, alianças entre agentes e setores, conciliação do tangível e do intangível, do econômico e do social, exigências de capacitação distintas). O debate e a conscientização são, portanto, fatores [...] para que nossa criatividade seja traduzida em resultados também econômicos. É preciso reconhecer que a criatividade é recurso necessário, mas não suficiente, para que a economia criativa se desenvolva. Governança, infraestrutura onipresente de tecnologia e comunicações e educação com um perfil diferenciado são elos fundamentais para sustentar um processo de desenvolvimento ancorado na economia criativa. (REIS, 2008, p. 142)

Reis (2008) afirma que a economia criativa é para o Brasil uma oportunidade de transformação socioeconômica, que se usada corretamente pode traduzir-se em resultados econômicos, mas para isso é necessário à conscientização de que é preciso agregar um elo entre uma nova dinâmica institucional, governança, uma infraestrutura tecnológica, comunicativa e educacional para que a economia criativa se desenvolva na conjuntura econômica e cultural do país.

Ainda segundo Reis (2008, p. 131) a economia criativa é caracterizada por uma junção de fatores “que impulsionou a formação de uma nova dinâmica de processos e modelos sociais, culturais e econômicos, no qual a economia criativa encontra um terreno fértil”. Também, por ser bastante diversificada em suas opções de segmentos e estar sendo implantada no momento em que diversos fatores contribuíram para seu crescimento na economia, destacando-se, segundo a autora, “a globalização, as novas mídias, a falência dos modelos econômicos tradicionais em promover desenvolvimento e inclusão e a valorização do conhecimento não só técnico, mas cultural” (REIS, 2008, p.130). Assim, reconhece-se que a criatividade é o recurso primário e principal para a inovação dos modelos e relações econômicas, partindo da essência cultural do local explorado. A economia criativa, portanto, é a economia do intangível, do simbólico.

A economia criativa engloba, portanto, os setores de propaganda, arquitetura, artes plásticas, artes performáticas, antiguidade, artesanato, design, moda, audiovisual, música, edição de livro, rádio e televisão. Em alguns países, inclui-se turismo, gastronomia, folclore e joalheria. (MACHADO, 2011, p. 4)

A economia criativa, necessariamente, compreende setores e processos que têm como insumo a criatividade, em especial a cultura, para geração de bens e serviços com valor simbólico e econômico no local, para a distribuição global, com base nos ativos criativos, potencialmente geradores de crescimento socioeconômico de países em desenvolvimento, pois promovem a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano, podendo ser uma opção para a criação de empregos e oferecendo novas oportunidades para a diminuição da pobreza. Atividades criativas, especialmente as ligadas às artes e às festas culturais tradicionais, geralmente levam à

inclusão das minorias mantidas à distância, como no caso do Brasil, que é bastante caracterizado por artes e festas tradicionais diversas, que ainda são pouco exploradas em prol do crescimento da economia do País. (REIS, 2008).

Entre os anos de 2009 a 2014, o governo brasileiro despertou uma atenção pela Economia criativa com o surgimento de políticas públicas e diversos estudos acerca dessa área, a principal ação foi criação da Secretaria da Economia Criativa - SEC, no ano de 2012, ligada ao Ministério da Cultura, com o objetivo de coordenar a estrutura institucional para o crescimento dos setores criativos.

A Economia Criativa Brasileira deve então se constituir numa dinâmica de valorização, proteção e promoção da diversidade das expressões culturais nacionais como forma de garantir a sua originalidade, a sua força e seu potencial de crescimento. (BRASIL, 2012, p.34)

Segundo Costa e Souza-Santos (2011, p. 156) “a Secretaria da Economia Criativa nasceu da ideia de não ser isolada, mas sim parte de uma articulação maior em relação à ação de outros órgãos e diferentes áreas para promover a rede capaz de dar suporte à economia criativa”.

Já Serafim (2012, p. 2) observou que:

A Secretaria da Economia Criativa considerou imprescindível identificar a distinção existente entre os setores econômicos tradicionais e os setores denominados como criativos. Apontou que a distinção mais significativa para a delimitação da economia criativa deve partir da análise dos processos de criação e de produção, e não dos insumos e/ou da propriedade intelectual de bens ou do serviço criativo. (SERAFIM, 2012, p.2)

Outro exemplo foi à criação da Federação Nacional de Economia Criativa - FNEC, nascida em fevereiro de 2011 com o objetivo de integrar trabalhadores e empreendedores, colocando três objetivos como prioridades para os primeiros anos: capacitação e formação; estudos, pesquisas e políticas públicas; e desenvolvimento regional para permitir a integração das políticas públicas federais. (COSTA e SOUZA-SANTOS, 2011, p. 156).

O governo brasileiro observou o potencial da Economia criativa para o crescimento da economia em geral, buscando alternativas para promover e assegurar o fortalecimento desse novo modelo econômico, a fim de manter e expandir por todo o país, por meio da Secretaria da Economia Criativa, com a mesma se constituindo um suporte de articulação ao relacionamento de diversas áreas, como cultura, economia e tecnologia.

Apesar da Economia da cultura e criativa ser caracterizada como um segmento estratégico de valorização e promoção dos atributos culturais, paisagísticos e artísticos

brasileiro, tornando-se um importante fator de desenvolvimento socioeconômico para o Brasil, o Ministério da Cultura optou pela extinção da Secretaria da Economia Criativa, principal ator político dessa área no Brasil, ocorrida no início do 2º Governo Dilma Rousseff, no ano de 2015, quando o Juca Ferreira assumiu o Ministério da Cultura e promoveu mudanças na estrutura do Ministério e na política e gestão da cultura no país. Com a extinção dessa Secretaria acredita-se que a atenção dada à Economia criativa no Brasil, a cada ano, deve diminuir, ocasionando a falta de investimento nesse modelo econômico, ocorrendo a desvalorização das atividades e setores relacionados.

Com a expansão da Economia Criativa, aliado aos chamados “setores criativos”, foram definidos espaços, sejam eles, cidades ou regiões, que eram caracterizados por atividades criativas, principalmente, em sua conjuntura social e cultural, essas cidades eram compreendidas por atividades excepcionais, originando as “Cidades criativas”, objeto de estudo no próximo tópico do trabalho. Para serem consideradas “criativas” é essencial que essas cidades apresentem características que as diferenciem das comuns, como inovações, conexões entre as pessoas e valores culturais.

2.2. Cidades criativas

A cidade é a união entre o passado e o futuro, é um conjunto de construções, materiais e imateriais, erguidas por gerações anteriores, que expressa às realidades passadas a partir de seus prédios, casas, ruas e praças, que demonstram a história e a cultura daquele local. Para entender uma cidade é necessário perceber as suas fragilidades e possibilidades, além disso, compreender também o relacionamento das pessoas no compartilhamento dessa realidade, sejam elas físicas, sociais, culturais e/ou econômicas. (PARDO, 2010)

[...] a cidade não é um simples aglomerado de ruas, praças e edifícios organizados para diferentes funções. Uma cidade é uma ideia. As cidades, desde sua origem, e especialmente desde as antigas Grécia e Roma, são a expressão de um projeto de relações de poder que organiza um sistema produtivo, um modo de vida e expressa uma ideia de vontade de futuro. A cidade é um organismo vivo, construído por uma multiplicidade de vidas anônimas ou conhecidas, que é uma expressão coletiva dos cenários quotidianos e de um projeto de futuro. É, portanto, uma ideia cultural. É a construção coletiva mais complexa da capacidade intelectual da espécie humana, e é precisamente a expressão do que mais nos separa do resto dos primatas: a cultura. (PARDO, 2010, p. 47)

Desde sua origem, a cidade sempre foi importante para a organização da sociedade, pois é nela que se entende o convívio social e, conseqüentemente, as trocas de relações entre as pessoas que a habitam. A cidade também é, normalmente, o espaço

de produção econômica e cultural, e para que essa cidade se sobressaia torna-se necessário à utilização da criatividade para o desenvolvimento socioeconômico. Nesse sentido, as chamadas “cidades criativas” podem utilizar-se dessas características a seu favor.

Com a disseminação e ampliação da economia criativa, surgiram termos ligados a esse segmento, que estão relacionados pela nomenclatura “criativa” ou “criativo”, são espaços geográficos que se destacam pela criatividade, ou seja, “cidades criativas” e “polos criativos”, termos utilizados por concentrarem atividades em um determinado local ou um conjunto de locais interligados por sua criatividade, podendo ser cidades ou regiões.

O termo criativo remete a atividades produtivas altamente concentradas em criatividade, em grande medida, artística, e em tecnologias sofisticadas, onde opera mão de obra mais qualificada, garantindo competitividade aos produtos. (MACHADO, 2011, p.3)

A relação entre atividades culturais/criativas e o território³, vincula a criatividade a uma possível promoção do desenvolvimento urbano e regional, podendo traduzir-se no reconhecimento do peso e da importância das atividades culturais e criativas na promoção econômica e se feita corretamente transformar-se em desenvolvimento territorial de determinado local, desse modo, as atividades criativas podem ser impulsionadoras do desenvolvimento endógeno⁴ de um local ou de uma região, contribuindo para a competitividade no setor econômico.

Pelo menos três grandes vertentes distintas podem ser destacadas na exploração desta relação entre criatividade e promoção do desenvolvimento urbano: (i) a ideia da necessidade de criatividade nos “instrumentos” para o desenvolvimento urbano, ou seja, do desenvolvimento de ferramentas e soluções criativas associadas aos novos contextos socioeconômicos e culturais; (ii) o foco nas atividades/indústrias/setores criativos (muitas vezes assimiladas, com maior ou menor abrangência, às atividades culturais) como sendo uma base estrutural do desenvolvimento urbano, ou seja, a ideia de que as atividades “culturais e criativas” têm um papel fundamental nas economias atuais e são uma aposta fundamental para o desenvolvimento urbano (assumindo o lugar de novo motor econômico numa sociedade centrada no conhecimento, onde o valor simbólico é cada vez mais legitimado); e finalmente, (iii) a defesa da necessidade de atrair as competências criativas,

³ O território é, então, o espaço territorializado, apropriado. É lugar de relações sociedade-natureza e homens-homens, em função disso, espaço de ação e poder. A passagem do espaço ao território ocorre no processo de produção do espaço, quando este é balizado, modificado, transformado por redes e fluxos que aí se instalam. (RAFESTIN, 1993 In SIEDENBERG, 2006, p.162).

⁴ Desenvolvimento endógeno [...] (é) um processo de crescimento econômico que implica uma contínua ampliação da capacidade de agregação de valor sobre a produção, bem como da capacidade de absorção da região, cujo desdobramento é a retenção dos excedentes provenientes de outras regiões. Esse processo tem como resultado a ampliação do emprego, do produto e da renda do local ou da região. (AMARAL FILHO, 2001, p.262).

ou seja, recursos humanos criativos (as classes criativas de Florida). (COSTA, SEIXAS e OLIVEIRA, 2009, p. 7).

As cidades criativas passaram a ser motivo de interesse de economistas, arquitetos, urbanistas e gestores, por promover o desenvolvimento local através da produção cultural/criativa, recuperando espaços que possuem criatividade e foram esquecidos.

A criatividade desempenharia um papel fundamental no dinamismo urbano, sendo a contribuição do setor medida por meio de sua participação no nível de produção nos empregos gerados pelo setor, além de efeitos indiretos, como o gasto de turistas que visitam a cidade. (MACHADO, 2011, p.5)

A utilização do termo “cidades criativas” se relaciona aos termos “setores criativos” e “indústrias criativas”, pois utiliza um determinado local para a produção de atividades criativas e/ou culturais. Identificando a criatividade existente em desenvolvimento econômico para a região.

[A] cidade criativa é [...] uma cidade capaz de transformar continuamente sua estrutura socioeconômica, com base na criatividade de seus habitantes e em uma aliança entre suas singularidades culturais e suas vocações econômicas. É nessa convergência de objetivos entre agentes e setores que se desenha uma estratégia comum, contínua, voltada a resultados sociais, culturais e econômicos. (REIS, 2009, p. 3)

Reis identificou outras definições para o entendimento do que vem a ser uma “cidade criativa”. Para ela,

A cidade criativa seria [...] locais que abrigam uma participação econômica mais pronunciada das indústrias criativas - artesanato, patrimônio, indústrias culturais, moda, design, arquitetura, propaganda, *software* de lazer e outras, a depender do contexto econômico local, que poderíamos dizer que bebem cultura, para elaborar e devolver funcionalidade. São, assim, bens e serviços diferenciados, com valor agregado e capacidade de impactar em setores tradicionais da economia, tornando-os também mais competitivos - a exemplo do encadeamento entre moda e têxtil, design e setores vários, etc. (REIS, 2011, p.130)

A partir dessas definições, torna-se possível compreender que o conceito de “cidades criativas” ainda está em formação, por ser uma nomenclatura tecnicamente nova e que pode possuir diferentes significados, dependendo dos diferentes lugares em que se inserem. São entendidas, basicamente, por cidades que possuem criatividade em sua produção cultural ou tecnológica, trazendo consigo, essencialmente, a criatividade humana, assim, surge novas soluções, novos contornos urbanos, modificando essas cidades e tornando-as espaços em que os convívios sociais ficam mais produtivos.

As cidades criativas têm vantagens que se acercam à produção cultural. Essas vantagens emergem e se expõem na presença da sociedade criativa, de equipamentos

culturais, manifestações populares e políticas de incentivo à cultura. Nesse contexto, para o desenvolvimento do território necessita-se do envolvimento dos residentes no entendimento da importância do seu trabalho para o desenvolvimento das atividades e a consolidação da marca criativa de determinado local.

No Brasil, necessita-se que o setor público formule políticas voltadas a esse segmento e que comprometa orçamento público para a contribuição do desenvolvimento dessas cidades, é necessário que se reconheça a importância de uma transformação urbana, que se manifesta por meio do processo de criação e pela percepção da dimensão cultural da cidade; o uso da criatividade peculiar a determinado local, por parte dos seus residentes, pode estimular a identificação de novos acordos entre a governança⁵ pública, privada e da sociedade civil.

Envolvendo as relações de poder, essas governanças devem buscar o equilíbrio entre as diferenças por meio de acordos parciais e temporários, procurando atingir alguns objetivos que fortaleçam essas cidades, como: maior crescimento econômico, aumento da representatividade política, modernização econômica, maior poder competitivo, capacitação de mão-de-obra local, aperfeiçoamento de estratégias de marketing e divulgação dessas cidades (FUINI, 2013). Nesse sentido, tanto a cidade como a sociedade ganham, pois com o incentivo das governanças, conseqüentemente, a cidade se desenvolverá, sua produção, seja ela cultural ou tecnológica, aumentará e irá melhorar o mercado de trabalho com o surgimento de novas oportunidades.

Segundo Reis (2012) existem três características essenciais para a cidade se tornar criativa: possuir inovação, conexão e cultura. A cidade deve ter capacidade de solucionar problemas e antecipar oportunidades, haver conectivos entre pessoas e seus espaços e identidades, e interesse pelo simbólico, pela identidade e pelos valores compartilhados. Nesse sentido, entende-se que o elemento essencial das cidades criativas está a partir do modo de como promove interações, desenvolvendo incentivos para apropriação local da comunidade.

⁵ [...] O conceito de Governança foi definido então como maneira pela qual o poder é exercido na administração dos recursos econômicos e sociais do país, com vistas ao desenvolvimento. (WORLD BANK, 1992 In SIEDENBERG, 2006, p. 96).

Governança Territorial: refere-se às iniciativas ou ações que expressam a capacidade de uma sociedade organizada territorialmente, para gerir os assuntos públicos a partir do envolvimento conjunto e cooperativo dos atores sociais, econômicos e institucionais. Tais ações voltam-se preferencialmente às questões relacionadas com o processo de desenvolvimento territorial. (DALLABRIDA, 2003 In SIEDENBERG, 2006, p.99).

As cidades criativas se caracterizam por estimularem uma economia específica, baseada na cultura e na tecnologia existente, com o intuito da cidade utilizar suas especificidades em soluções de problemas existentes. Nesse sentido, os seus principais recursos de produção são a criatividade, conhecimento e o capital intelectual. Percebendo seu potencial de desenvolvimento a partir do estímulo ao uso dos recursos inesgotáveis, por meio de serviços e lazer, além do turismo, moda, centros tecnológicos e centros históricos.

Algumas cidades se expandiram por estimularem as atividades criativas, para isso, foram necessárias ações que viabilizassem o processo de aplicação desse meio de desenvolvimento. Barcelona e Guaramiranga são exemplos de cidades que utilizaram a criatividade para o seu desenvolvimento.

Nesses casos de sucesso, verificam-se algumas ações indicadas, tais como: recuperação de uma área degradada ancorada em um modelo de cooperação e estratégia de longo prazo; foco em setores intensivos em conhecimento e criatividade como tecnologia da informação, mídia e novas energias, recuperação do patrimônio cultural para promoção de sua imagem pelo fortalecimento de equipamentos culturais e espaços públicos, unindo conhecimento, tecnologia, fatores socioeconômicos, com geração de empregos, arrecadação tributária e programas educacionais; iniciativas de fortalecimento à participação cidadã e fomento a criação cultural, como bibliotecas-parque com vasta programação educativa e cultural, espaços públicos que a comunidade se apropria; festivais de música para a promoção turística qualificada, desenvolvendo pequenos negócios, talentos, pousados, restaurantes e cafés como programas paralelos. (SCHMITZ, 2016, p.80)

A partir desse trecho, nota-se que foi preciso ações específicas para a manutenção da infraestrutura local e a implantação de tecnologias para o sucesso dessas cidades, que em longo prazo promovesse o fortalecimento dos setores criativos, desenvolvendo cada vez mais iniciativas que impulsionem o processo de desenvolvimento socioeconômico das pessoas que utilizam a criatividade de sua cidade para a absorção de capital. Nesse sentido, a governança pública tem um papel importante para que a cidade alcance o sucesso, pois é necessária a criação de políticas públicas para articulação dos interesses públicos, privado e da sociedade civil.

Bilbao, Bogotá e Londres são exemplos de cidades com traços, propostas, potencialidades e desafios distintos. [...] Embora diverjam na forma que trabalham suas inovações, conexões e cultura, unem-se no intuito de se transformarem constantemente, de dentro para fora. E, apresentam traços comuns, como: o respeito ao planejamento; o visceral envolvimento da sociedade civil; criação de novas formas de parceria entre o público e privado; a consideração da criatividade de forma transversal aos setores e pastas públicas a visão de longo prazo; a busca da inclusão de estratos marginalizados da sociedade, a reincorporação de áreas excluídas de políticas públicas e dos mapas afetivos da população, o respeito a cultura como base do que constitui o ambiente criativo da própria cidade, a vontade política de concretizar uma proposta estratégica de estado. (REIS, 2012 apud SCHMITZ, 2016, p. 81)

Para salientar o conceito de cidades criativas, serão apresentadas duas cidades que utilizaram a criatividade existente para o seu desenvolvimento, tendo como principal arma o planejamento de suas ações para esse fim. Barcelona é um exemplo, cidade Catalã, na Espanha, caracterizada pela forte cultura do esporte, principalmente o futebol. Barcelona observou as Olimpíadas de 1992 como uma oportunidade de desenvolvimento turístico da cidade. Além da melhoria de sua infraestrutura, pois seriam feitas mudanças para que a cidade fosse sede dos Jogos Olímpicos.

A partir de 1986, quando a cidade foi nomeada sede olímpica dos jogos de 1992, teve início um processo de organização dos instrumentos de governança, coordenação interinstitucional, financiamento e gestão do projeto olímpico. (REIS, 2010, p. 32)

Quando uma cidade se candidata a sediar uma Olimpíadas são necessárias estratégias para o seu protagonismo. Ao organizar os Jogos Olímpicos surgem inúmeras oportunidades e possibilidades de impulsionar a coletividade da cidade, além da cidade se lançar para todo mundo, já que as olimpíadas são transmitidas para bilhões de pessoas.

Mais de dois bilhões de telespectadores assistiram a uma cerimônia que marcou o início da celebração olímpica, e de uma nova maneira de organizar os jogos olímpicos modernos. Os jogos foram uma celebração internacional, porém além do fato esportivo, foi um instrumento muito potente para a reinvenção da cidade, sua projeção mundial, e o fortalecimento do projeto e dos valores de uma sociedade altamente engajada – o que foi essencial para o sucesso das Olimpíadas -, especialmente pelo enorme esforço de planejamento, transformação urbana e criação de infraestruturas que permitiram um desenvolvimento posterior, do qual a Barcelona de hoje é herdeira. (JORDI, 2010, p. 148)

. Como em várias cidades criativas espalhadas pelo mundo, a utilização da criatividade para o desenvolvimento socioeconômico se iniciou pelo engajamento coletivo da sociedade civil em Barcelona.

São muitas as pessoas que lideraram essa nova etapa de impulso à reinvenção da cidade de Barcelona, com sua inteligência, visão, esforço e entusiasmo. [...] Intelectuais, urbanistas, arquitetos, planejadores, gestores culturais, artistas, representantes das instituições culturais, econômicas e sociais foram essenciais no processo. Todos eles, em uma lista interminável, merecem o reconhecimento histórico por seu trabalho. Porém, o sucesso desse processo coletivo foi possível graças à cumplicidade da maioria dos cidadãos e das organizações e instituições. Estas transmitiram o apoio e a participação ativa de toda a cidadania. O apoio popular e o entusiasmo coletivo, especialmente a participação direta dos mais de 60.000 voluntários que contribuíram com entusiasmo durante todo o processo, foi um símbolo da sintonia histórica com as aspirações inerentes ao projeto olímpico. Os jogos de Barcelona receberam da crítica internacional a menção de “os melhores jogos da história”, e em termos de transformação urbana e de impulso do projeto coletivo de desenvolvimento e convivência, geraram um legado fundamental para o desenvolvimento futuro, que é à base de muitos dos indicadores de qualidade de vida, competitividade e posicionamento internacional dos qual Barcelona desfruta hoje. (JORDI, 2010, p. 149).

Barcelona, como uma típica cidade criativa, utilizou a criatividade para o seu desenvolvimento, observou que os Jogos Olímpicos poderiam ser um estratégico instrumento de visibilidade e desenvolvimento para a cidade, todavia, para não se ter essas expectativas negadas, seria necessário e imprescindível o engajamento de toda a sociedade para que os Jogos fossem um sucesso internacional. Barcelona seguiu à risca, soube absorver os benefícios de uma Olimpíada, concedendo infraestruturas inexistentes à cidade, iniciar o processo de melhoria do espaço público e finalizar equipamentos, serviços e elementos essenciais de uma capital cultural. (JORDI, 2010).

O segundo exemplo refere-se a uma cidade brasileira, para que haja uma proximidade com a nossa realidade, levando em conta as devidas proporções de tamanho e características. Guaramiranga, pequena cidade no Ceará, mostrou que micro e pequenas cidades também conseguem ser criativa. O processo se iniciou no início da década 2000, com a iniciativa de Rachel Gadelha e Marú Mamede, produtoras culturais de Fortaleza. A partir do convívio social na cidade, elas perceberam as singularidades de Guaramiranga, pois era normal a imigração de pessoas de outras cidades, fugindo do calor, por Guaramiranga pertencer à região da Mata Atlântica. Entretanto, a situação socioeconômica da cidade era difícil e não havia possibilidades de melhorias.

Analisando a situação da cultura fora da cidade, elas constataram que os grandes talentos da música instrumental cearense passavam por uma situação profissional difícil e havia uma tendência a demais de desvalorização desse estilo. Perceberam, por fim, que o interior do Ceará era de modo geral desconhecido da maior parte do país e que durante o período do carnaval os próprios cearenses ficavam alijados de outros ritmos musicais, que não os importados de outros estados. (REIS, 2009, p. 06).

Mesmo com as dificuldades existentes na cidade, elas conseguiram mudar a realidade e transformar em solução, criando o “Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga” dando visibilidade à região, sustentadas por estratégias sólidas e ações que cativasse o público.

Fundamental nesse processo era que a comunidade local se apropriasse do festival – que este fosse da cidade e não na cidade. Para isso, o papel da AAGUA - Associação dos Amigos de Guaramiranga; o cuidado em oferecer 70% da programação de forma gratuita; em desenvolver um vasto programa paralelo, educativo e de mapeamento de talentos musicais; em fomentar a conversão de casas e fazendas em pousadas, restaurantes, cafés e pequenos negócios; e em promover a atração de turistas qualificados, que vissem a cidadã como sua anfitriã e não seu palco de entretenimento e desordem; e em estimular a formação de programas alternativos, a exemplo do turismo ecológico, foram aspectos cruciais. Hoje, os indicadores econômicos, turísticos, sociais e culturais da região mostram uma escalada frente aos originais e seus benefícios alcançam impactos também no restante do estado. (REIS, 2009, p. 06).

Por fim, Barcelona e Guaramiranga mostraram como as cidades podem se tornarem criativas mesmo em realidades e tamanhos diferentes, basta utilizar suas especificidades em prol de seu desenvolvimento socioeconômico. Barcelona observou os Jogos Olímpicos como uma oportunidade de visibilidade internacional, impulsionando sua capacidade turística, por outro lado, a pequena Guaramiranga, utilizou a sua vocação natural e seus talentos musicais como forma de atrair ainda mais pessoas para cidade. Nesses casos, usaram-se a criatividade para a solução de problemas em uma determinada cidade, entretanto, quando várias cidades se unem para se tornarem criativas, ou até mesmo uma região que se caracteriza pela criatividade denomina-se como Polos (regiões) criativos, tema do próximo tópico.

2.3. Polos (regiões) criativos

Assim como as “cidades criativas”, com a disseminação da economia criativa, surgiram também os chamados “polos criativos” ou “regiões criativas”, que são determinados por um conjunto de empreendimentos criativos situado em uma região ou um grupo de municípios que utilizam a criatividade conjunta para a sua produção, esse compartilhamento acontece quando os municípios vizinhos possuem a mesma produção, ou quando se assemelham e/ou complementam-se uns aos outros.

Segundo o Plano da Secretaria da Economia Criativa, do Ministério da Cultura, “[...] entende-se por Polos Criativos, o conjunto de empreendimentos criativos geograficamente próximos e circunscritos a um território de pequena dimensão” (LIMA, 2013, p.6).

Nesse sentido, o mercado pode surgir por proximidade, com os municípios que integram esses “polos criativos” poderem se relacionar como produtores e consumidores na região envolvente.

Segundo Lima (2013), ainda é pouco explorado a conceituação de polos criativos, mesmo quando se recorre a referências internacionais, existindo análises de experiências sobre bairros criativos que se assemelham e podem ser utilizados para conceituar os polos criativos, que podem ser considerados:

Espaços de convivência urbana, ou seja, dedicados à vida em sociedade e espaços que possuem uma dinamização funcional com a realização de diversas atividades de dimensão simbólica unindo em sua geografia diversos grupos e pessoas com uma identidade cultural própria. (LIMA, 2013, p. 6).

Os polos criativos são caracterizados por espaços delimitados, mas que podem ir, além disso, e ultrapassar tais limites, pois, ao tentar conceituar os “[...] Polos Criativos nos deparamos também com algumas possibilidades que não tratam a localidade como ponto agregador e enquanto um dos eixos de identificação e atuação” (LIMA, 2013, p. 7).

Considerando que os polos criativos vão além de critérios territoriais, existem dois fins de abrangência espacial para esses polos, o de abrangência geográfica/territorial que é “[...] um determinado espaço geográfico sendo, ele mesmo, parte constituinte da identidade do polo e base de aglomeração dos atores ali existentes” (LIMA, 2013, p. 7), e o de abrangência, por rede de atuação, quando as atividades são iniciadas a partir de uma determinada ação, que originam ou alimentam um arranjo produtivo⁶ com características da economia criativa, mas não tendo a proximidade geográfica comum aos polos criativos, utilizando-se a tecnologia para essa aproximação (LIMA, 2013).

Com as inovações tecnológicas, ocorreram transformações nas formas de comunicação e produção no mercado, assim, aumentaram as facilidades para a procura de alternativas e sugestões para o desenvolvimento de um território ou região. Essas inovações, aliadas à criatividade de um território, são fundamentais para o desenvolvimento do local, ligado a isso, são importantes haveres no território as pessoas inovadoras, pessoas que são capazes de lançar novos olhares sobre questões quotidianas, que podem auxiliar no processo de desenvolvimento de um dado lugar.

A criação e/ou implantação desses polos criativos num território é, normalmente, de iniciativa da sociedade civil, composta por moradores e frequentadores do local, ou por iniciativa do poder público, com a implementação de políticas públicas como estratégia de desenvolvimento desse território, objetivando uma nova realidade urbana.

No que tange ao histórico concernente à criação, estímulo e/ou implantação de Polos Criativos no Brasil e em demais países, há duas formas diferentes de criação: a) através da iniciativa da sociedade civil: por moradores e frequentadores locais, com vocação própria e integração espontânea, sendo a característica cultural (arquitetônico-urbana ou uso funcional do espaço), um dos fatores chaves de identidade. Partem da aproximação de pares para a construção de um ambiente coletivo e possuem forte reconhecimento social; b) implantação pelo poder público: enquanto ação estratégica de desenvolvimento de determinado local ou no redesenho urbano de uma cidade, onde as políticas públicas dirigidas à Economia Criativa atuam de forma direta para a criação do ambiente em um espaço com vocação pré-

⁶ Arranjos produtivos locais (são) concentrações espaciais e setoriais de empresas, instituições e governos em torno de um eixo produtivo comum [...]. (FLAVIO, 2005, p.17)

existente; como intervenção objetivando transformação para reuso urbano de áreas degradadas socialmente. (CLOSS e OLIVEIRA, 2014, p. 7)

Os polos criativos são compostos por diversas dinâmicas culturais com o espaço geográfico, formando uma identidade cultural do local, essas relações servem como laboratórios para novas ideias e um ambiente propício para a criatividade, fator principal para o alcance da transformação urbana. Com a criatividade, a busca de novas formas e fontes de produção de riquezas tende a aumentar, originando alternativas para o desenvolvimento do território.

A cultura e a criatividade se destacam como prioridades para o surgimento de um ambiente criativo, portanto, é necessário encontrar no território vocações culturais que possam transformar a cultura em produtos e serviços que cooperem para o desenvolvimento socioeconômico, surgindo indicativos que comprovem a importância da cultura para a economia.

[...] a produção e circulação de bens culturais passaram a exercer grande importância e são vistos como novas formas de pensar modelos de desenvolvimento socioeconômico pelo seu potencial transformador e por ser um veículo de promoção do desenvolvimento social e humano. (SANTOS, 2015, p. 7)

Essa produção pode auxiliar na diminuição das desigualdades em um território, pois, a partir a comercialização de bens culturais, oportunidades de empregos surgirão, além de ser um importante fator de aproximação de produtores distantes, sendo assim, uma forma de inclusão social.

Os “produtos criativos” desses territórios não necessariamente restringem-se a uma única área ou segmento. A utilização de várias linguagens e áreas se tornou prática comum na produção criativa dos polos, estimulada tanto em função das facilidades geradas pelas novas tecnologias, quanto pela capacidade criativa de se construir e interagir de modo multidisciplinar. Desfiles de moda, por exemplo, são realizados com espetáculos de música, e a inspiração para modelos e designs de moda podem provir de diferentes fontes. (BRASIL, 2012).

Portanto, a produção dos Polos baseia-se na cultura do território, podendo ser artística, cultural ou de softwares, permitindo a ampliação das atividades econômicas no território. Esses polos são concebidos como conjuntos de empreendimentos criativos situados geograficamente próximos e restritos a um território de pequena dimensão. Nesse sentido, são muitas as possibilidades para o desenvolvimento endógeno desses territórios, por meio do fomento a produção de atividades criativas da região.

Os Polos criativos, normalmente, são caracterizados por um conjunto de cidades ou por uma região criativa, quando esse conjunto se caracteriza pela concentração regional de empresas criativas, denomina-se de Clusters criativos. Essa concentração incentiva à melhoria das empresas pertencentes ao conjunto, dando oportunidade a pequenas empresas se sobressaírem no mercado, pois, a concorrência implantada estimula um negócio mais competitivo e as pequenas empresas alcançam um mercado mais amplo do que ela conseguiria caso fosse uma empresa isolada.

A essência da clusterização, em qualquer setor, é melhorar pequenas empresas e pessoas, tanto por meio da colaboração, como pela concorrência uns com os outros, vantagem que aqueles que trabalham de forma isolada não têm. [...] A concorrência ajuda a desenvolver um mercado local sofisticado e eleva os padrões. A colaboração estimula a inovação e o compartilhamento de boas práticas, seja formalmente, seja pela simples circulação de trabalhadores entre empresas. É o caso, por exemplo, das empresas de TI no Vale do Silício. (SEMINÁRIO INTERNACIONAL..., 2015, p. 51).

A formação dos clusters criativos atraem inúmeros benefícios às empresas pertencentes, entre eles, a mão de obra qualificada, fornecedores, investidores, clientes e autoridades externas, influenciando o fortalecimento da marca e reputação dessas empresas. Compreende-se como um dos pilares dos clusters criativos a complementação das empresas entre si, o chamado mercado por proximidade, com as vendas de matérias-primas. Quando estabelecido, os clusters tornam autossustentáveis. (SEMINÁRIO INTERNACIONAL..., 2015)

Diferentemente das cidades criativas ou até mesmo dos polos criativos, os clusters criativos acontecem de forma natural, normalmente não existe uma intervenção do governo para o seu surgimento. O governo pode ajudar a identificar a atividade dos clusters e auxiliar em seu crescimento, porém são as empresas que iniciam o processo de crescimento de novos clusters regionais.

Segundo a publicação Seminário Internacional... (2015) existem alguns ingredientes essenciais de um cluster criativo. Primeiramente, “um cluster criativo é um lugar, mas, mais do que isso, é um sistema dinâmico, com componentes, relacionamentos, fluxos e regras”. Para ele, o sucesso do cluster se dá seguindo algumas considerações.

- Os principais participantes do cluster são as empresas criativas;
- Mas outros tipos de insumos criativos, por parte dos consumidores, professores, pesquisadores, também são essenciais;
- Compras e vendas dentro do cluster são essenciais, assim como um mercado e suas estruturas de apoio;
- Em algum ponto, uma marca ou uma reputação local;
- Edifícios e espaços públicos (para trabalho, diversão, negócios, cultura);
- Instituições (educação, cultura, governo);
- Programa de eventos, atividades, redes, publicações;

- E pode haver algum tipo de apoio legal, como na política de zoneamento da cidade. (SEMINÁRIO INTERNACIONAL..., 2015, p. 55)

Logo, com a formação de clusters criativos abrem-se um leque de oportunidades para empresas que se interessam por um mercado de proximidade, um sistema dinâmico e organizado que podem unir o crescimento e inovação para as empresas. Sendo assim, um excelente negócio para o crescimento da empresa e da região que possuem clusters criativos.

Lima (2011/2012) em seu trabalho sobre polos, clusters e bairros criativos, cita alguns exemplos de Polos criativos e potenciais Polos. Serão citados dois exemplos secundários para a exemplificação dos polos e o processo inicial de formação desses territórios criativos.

No estado de Pernambuco, na região Nordeste do país, foi exemplificado o Polo “Delta Zero”, implantado inicialmente em 2009, a partir do encontro de empreendedores de diversas cadeias produtivas e por entender que a área poderia ser ainda mais valorizada por meio da experiência da economia local voltada para o setor criativo, desenvolvendo uma cultura empreendedora e empresarial (LIMA, 2011/2012).

Para esta finalidade foi criado o Instituto Delta Zero para o Desenvolvimento da Economia Criativa, que organiza as iniciativas e profissionais interessados em participar da experiência, que podem se cadastrar e participar das diversas instâncias de decisão e organização, inclusive espacial, visto que a intenção do Polo é ocupar geograficamente a região da Ilha do Bairro do Recife, em Recife/PE. (LIMA, 2011/2012, p. 83)

Este polo, segundo Lima (2011/2012) ainda estava em processo inicial de formação durante seu estudo, mas com potencial para o alcance do sucesso desse polo na região.

[...] este potencial Polo Criativo busca alcançar bons resultados através da troca de experiências de gestão e da captação e viabilização de possibilidades de sinergias entre os associados, sendo que para isto se faz necessário articular as políticas públicas pertinentes para apoiar na atração e instalação de empresas e instituições e mobilização de integrantes para que participem também da gestão do território. (LIMA, 2011/2012, p. 83)

Outro exemplo de Polo criativo também tirado do estudo de Lima (2011/2012) é o Polo criativo Caminho das Artes em Minas Gerais, especificamente em Belo Horizonte e Nova Lima, Polo caracterizado pelas artes da região. Esse Polo também foi criado em 2009 a partir do trabalho de pesquisa de Lima (2011/2012).

Acreditamos que esta vem ser uma boa perspectiva para grupo de artistas e companhias artísticas que se instalaram na região e que hoje abriga um expoente cenário cultural com a presença de diversas companhias artísticas profissionais que buscaram a distância do grande centro de Belo Horizonte. Na região estão sendo instalados inúmeros espaços de dança e teatro, estúdios de música, galerias, produtoras culturais e restaurantes que agregaram ainda o valor ambiental da região à disponibilidade de galpões para locação que bem

serviram aos intuitos das companhias instaladas, em sua maioria formada por grupos de dança profissionais. (LIMA, 2011/2012, p. 109)

A partir dessa iniciativa, aumentou o interesse das empresas em se instalarem na região, por se tornar um lugar mais atrativo para as empresas que tem aptidão para o mercado de arte, ocasionando o desenvolvimento da região.

Esses exemplos demonstram como pode ser possível desenvolver-se com a criatividade existente na região, uma maneira de fomentar a economia cultural de um território, a partir da iniciativa própria aliada ao incentivo dos governantes, observando as potencialidades da região e empregando estratégias viáveis para a valorização da região, utilizando ferramentas para o alcance do desenvolvimento socioeconômico do território, sejam elas por meio das cidades, polos, bairros ou clusters criativos e disponíveis para novas formas de desenvolvimento cultural, social ou econômico.

Utilizando como parâmetro as regiões anteriormente citadas, pode-se perceber que mais cidades ou regiões brasileiras poderiam se tornar criativas e impulsionar a sua economia com a sua criatividade. Afinal, não é somente com a instalação de indústrias que se alcança o desenvolvimento, às vezes essas indústrias prejudicam mais do que ajudam os territórios utilizados.

Cachoeira/BA, por exemplo, se caracteriza por ser uma cidade que sofre pressão da população para a instalação de indústrias na região, pressão ocasionada pela falta de informações das pessoas, por acharem que só assim para a cidade se “desenvolver” e, conseqüentemente, aumentar as vagas de empregos, mas percebe-se que Cachoeira não faz parte do grupo das cidades que precisa de empreendimentos industriais para se desenvolver, ela pode alcançar seu desenvolvimento utilizando seus atributos patrimoniais e culturais aliados à governabilidade, já que se determina por características que a constituem como cidade que pode desenvolver-se por meio da economia criativa, por possuir atributos que viabilizam tal utilização, destacados em sua arquitetura, cultura e história, realidade que torna Cachoeira uma cidade única, características essenciais para uma cidade com potencialidades turísticas, que pode se desenvolver utilizando-se dessas vantagens.

3 - Economia da cultura e criativa: o caso de Cachoeira

3.1. Histórico da cidade e condições atuais

O Recôncavo Baiano caracteriza-se por se constituir de municípios privilegiados por um Conjunto Arquitetônico remanescente do Brasil Colonial que, mesmo com o passar dos anos, ainda demonstra as influências dos colonizadores europeus que aqui deixaram suas identidades em forma de prédios, igrejas e casarões caracterizados pela riqueza da época e a arte Barroca em suas construções, monumentos construídos a partir da mão-de-obra dos negros escravizados.

Entre os municípios que fazem parte do Recôncavo Baiano: Santo Amaro, São Félix, Santo Antônio de Jesus, Maragogipe, entre outros, o município de Cachoeira chama atenção. Esse protagonismo é fruto de seus casarões, monumentos, igrejas e também de seu rio (em sua margem esquerda), o importante Rio Paraguaçu, que serviu como principal meio de escoamento da produção de cana-de-açúcar no tempo dos engenhos e, logo em seguida, do fumo, produtos que encabeçavam a produção brasileira entre os séculos XVII e XIX, decorrente da exploração das terras do Recôncavo Baiano.

Em 1531, chegava à Bahia a expedição de Martim Afonso de Souza, com o objetivo de estimular o cultivo de cana-de-açúcar no Recôncavo Baiano, região escolhida por possuir terreno propício para essa produção, sendo o primeiro território brasileiro escolhido para a instalação dos engenhos.

Nesta mesma comitiva, veio também o fidalgo Paulo Dias Adorno, homem de posses, que se instalou na então Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira do Paraguaçu. Em suas terras construía-se a primeira Igreja de Cachoeira, erguida em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, atual Capela d'Ajuda, tornando-se a principal construção da região, servindo como referência para a povoação que se viu rapidamente impulsionada pela expansão da economia açucareira na Freguesia (SANTOS, s/d).

Cachoeira surgiu no final do século XVI, inicialmente era considerada como Freguesia, com o seu crescimento econômico e populacional elevou-se a categoria de Vila, em 07 de janeiro de 1698, passando a ser chamada de Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira do Paraguaçu, o nome se deve ao fato de se situar próximo às quedas d'água presentes na cabeceira do Rio Paraguaçu. Cachoeira se tornou a principal e mais rica Vila da região, caracterizada pela povoação constituída por vários ricos da época (SANTOS s/d).



FIGURA 5 - **Ilustração de Cachoeira no século XIX** (Illustrated London News)
 Fonte: BAHIA TURISMO, 2010.

A Vila era tão rica que, em 1756, o Rei de Portugal recolheu uma grande quantia da Vila para a recuperação da cidade de Lisboa, que tinha sido atingida pelo desastroso terremoto que quase a destruiu no ano anterior. Aliado ao desenvolvimento econômico da Vila também crescia a sua importância política para Portugal, pois, algum tempo depois, a Vila veio a receber as visitas ilustres de D. Pedro I, D. Pedro II, princesa Isabel e de Conde D'Eu. (SANTOS, s/d)



Figura 6 – **Foto do “Vapor de Cachoeira”.**
 Fonte: MAIS BAHIA, 2011.

Cachoeira atingiu seu auge na história política do Brasil, no século XIX, como o local de onde partiram as lutas armadas contra os portugueses pela Independência do Brasil. Seu pioneirismo na luta contra a opressão dos portugueses foi liderado por figuras como a do Barão de Belém, Rodrigo Antônio Falcão Brandão, Maria Quitéria de Jesus, a mulher-soldado, dentre outras que se immortalizaram na história nacional. (SANTOS, s/d)

Além da importante colaboração da então Vila de Cachoeira no início das lutas contra os lusitanos até chegar à verdadeira Independência do Brasil, em dois de julho de 1823, Cachoeira também teve papel importante na Proclamação da República, pois se tornou a capital provisória da Província que se opôs à Sabinada⁷, revolta que tinha como objetivo a proclamação da República “Bahense”⁸, essas lutas se encerraram em 15 de março de 1838 com a capitulação do último reduto dos rebeldes e, conseqüentemente, a revolta não teve êxito.

A Vila de Cachoeira se tornou a principal vila do Recôncavo Baiano por sua localização estratégica, principalmente por ser banhada pelo Rio Paraguaçu e ser um porto essencial para o escoamento da produção de cana-de-açúcar e fumo.

O Rio Paraguaçu foi descoberto em 1526 por Cristóvão Jacques durante sua expedição de combate aos franceses que contrabandeavam o pau-brasil no litoral brasileiro. A sua nascente se encontra em Brejo da Farinha Molhada, no Município de Barra de Estiva, situada nas elevações da Chapada Diamantina, com aproximadamente 600 km de curso cortando vários municípios da Bahia, tendo seu desague na Baía de Todos os Santos. Seu nome origina-se da língua indígena e quer dizer “mar grande”. (SANTOS, s/d)

Durante os séculos XVII e XVIII Cachoeira situava-se como uma das principais cidades do Brasil, nesse espaço de tempo se construiu diversos exemplares da cultura Barroca, monumentos que até hoje fazem com que Cachoeira seja um dos principais destinos de turismo cultural da Bahia.

O Século XVIII foi para Cachoeira aquele de maior prosperidade, pois, exatamente nessa época, foram construídos os seus melhores exemplares da arquitetura Civil e Religiosa, onde a influência Barroca dava os traços característicos para formar os Conjuntos Urbanos mais apreciáveis. As causas fundamentais do seu desenvolvimento foram, sem dúvidas, a crescente economia do açúcar no Vale do Paraguaçu e do Iguape e, em especial, a abertura das estradas para a região de Minas e do gado que, começavam, justamente, em Cachoeira. (SANTOS, 2010, p. 29)

⁷ A Sabinada foi uma revolta feita por militares, integrantes da classe média (profissionais liberais, comerciantes, etc) e rica da Bahia. A revolta se estendeu entre os anos de 1837 e 1838. Ganhou este nome, pois seu líder foi o jornalista e médico Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira. (SUA PESQUISA, 2014, s/p)

⁸ Com o apoio de vários integrantes do exército, os revoltosos foram para as ruas e tomaram vários quartéis militares. No dia 7 de novembro de 1837, tomaram o poder em Salvador (capital). Decretaram a República Bahense, que, de acordo com os líderes da revolta, deveria durar até D. Pedro II atingir a maioridade. (SUA PESQUISA, 2014, s/p)

Interligado à construção desses exemplares, no século XVIII, estava o intenso desenvolvimento econômico do Brasil, principalmente por causa da grande produção açucareira no Recôncavo Baiano e a descoberta de ouro em Minas Gerais, momento propício para investimentos na infraestrutura das vilas mais importantes.

Nesse espaço de tempo, Cachoeira também era a principal vila para o escoamento da produção do Recôncavo baiano para o Sertão baiano e para outros estados, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Esse escoamento se dava de forma terrestre pela via de Belém da Cachoeira, tornando-se o principal entreposto comercial daquele tempo.

Com o seu potencial de expansão e desenvolvimento, a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, foi elevada a categoria de cidade, pela lei provincial de nº 43 de 13 de março de 1837, passando a ser considerada a cidade mais importante do Brasil depois de Salvador, a então Capital Federal.

Conforme Santos (2010), Cachoeira esteve diretamente ligada a Independência do Brasil, pois, foi de Cachoeira que saiu o primeiro brado de liberdade, desse modo, Cachoeira recebeu o título de “Cidade Heroica”, assim denominada pela lei nº 43, de 13 de março de 1837, título até hoje celebrado e muito significativo para sua população.

Após o 25 de junho de 1822, outras Vilas do Recôncavo aderiram ao movimento, aclamando o Príncipe Regente. Inicia-se a organização do Exército libertador sob ordens do Governo Interino de Cachoeira. Pois em virtude de seu heroísmo Cachoeira passou a ser a sede do Governo da Província da Bahia, ainda que de forma interina. Tudo foi improvisado: Soldados, armamentos, munição, abastecimento. Pouco a pouco foi organizada a administração, cunhagem de moedas, a defesa de portos para garantir o comércio e as comunicações com o sul do país através de Minas. (SANTOS, 2010, p. 42)

Após muitos anos de riqueza e desenvolvimento, Cachoeira, então considerada uma das principais cidades do país em riqueza e importância, começou a decair, ao mesmo tempo em que diminuía seu desenvolvimento econômico diminuía também a sua importância para o governo, sendo esquecida e ultrapassada logo em seguida.

O retrocesso de Cachoeira começou a perceber-se no final do século XIX, quando desapareceu um quarto de sua população. Chegando a perder importância em outros diferenciais no século sucessor.

A partir de 1924 é atingida por uma nova crise, resultante de problemas na agroindústria fumageira e de reestruturação do sistema viário estadual, que veio a marginalizar seu Porto.

A partir de 1940, Cachoeira entrou em uma fase de grande decadência, perdendo gradativamente a sua importância, à medida que crescia o processo de isolamento. Com o seu desenvolvimento do transporte rodoviário, a

ferrovia se tornou obsoleta e o transporte fluvial, que sempre representou fator preponderante na importância de Cachoeira, decaiu tanto que chegou a ser suspenso.

Crises se sucederam na área da indústria fumageira, chegando ao fechamento de fábricas, enquanto as respectivas lavouras, que ocuparam posição de liderança por mais de dois séculos, igualmente retrocederam, cedendo a primazia a outras regiões. (IBGE, 2016, s/p)

No final do século XIX e início do século XX, ocorreram mudanças no potencial desenvolvimentista do Brasil, o então predomínio da produção açucareira e fumageira foi ultrapassado, o Brasil passou a ser um país industrial, influenciado pelos Estados Unidos e a Europa, deixando para trás o escoamento da produção por trilhos e se tornando um país de transporte rodoviário. Com a mudança, Cachoeira que era uma das principais cidades do país por causa da sua extensa quilometragem de trilhos ficou “a ver navios”, parada no tempo, conseqüentemente, diminuiu a sua economia e população.

Outro retrocesso para Cachoeira foi a perda de seu protagonismo no Recôncavo baiano, no meado do século XX, quando o governo brasileiro passou a investir na descoberta do petróleo e municípios como São Francisco do Conde e Candeias começaram a ser o eixo do desenvolvimento econômico na região. Tornando-se coadjuvante no cenário regional, Cachoeira passou a ser uma cidade excluída, lembrada apenas pelo seu passado, sua história e arquitetura. Com esses desdobramentos, sobrou para Cachoeira a utilização de suas características e potencialidades como uma cidade turística, pois, caso contrário, se tornaria uma cidade falida e sem perspectivas de desenvolvimento.

Até hoje, Cachoeira se caracteriza por seus monumentos arquitetônicos, se beneficiando com uma relativa movimentação turística ocorrida em períodos específicos. Os monumentos, em sua maioria, foram construídos durante a prosperidade da Vila nos séculos XVII e XVIII, entre esses prédios estão: a Casa de Câmara e Cadeia, a Igreja da Ordem III do Carmo, o Convento do Carmo, Igreja Matriz, entre outros, além da Ponte D. Pedro II, construída no século XIX.

Cachoeira se localiza no Recôncavo da Bahia. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), está a 110 km de Salvador, capital baiana, com a população estimada, no ano de 2016, em 35.013 habitantes, com área territorial de 395,223 (km²) e densidade demográfica de 81,03 hab./km². Cachoeira tem predominância de clima tropical, cercada por morros e montanha, conseqüentemente, é considerada uma cidade de clima quente, com a temperatura em torno dos 30 graus. O município divide-se em três distritos, a Sede, Belém e Iguape. (Figura 7).



Figura 7 – **Mapa do município de Cachoeira.**

Fonte: IBGE, 2016.

Atualmente, a maior parte do Produto Interno Bruto (PIB) de Cachoeira, vem do comércio, com a venda de produtos na feira livre, grande parte proveniente da agricultura familiar, e de pequenas lojas no centro da cidade, setor que, junto com a Prefeitura, tornou-se o principal gerador de posto de trabalho na cidade, além da “venda” de sua cultura e história, por meio do fluxo turístico na cidade, ocasionado por vários festejos religiosos como a Festa da Boa Morte, Festa de Iemanjá, etc.; e por festas originalmente religiosas que passaram a ser mais conhecidas por sua parte profana, como a Festa de São João e a Lavagem D’Ajuda.

A movimentação turística de Cachoeira tem motivação, principalmente, histórica/cultural. Pessoas visitam a cidade com o propósito de conhecer sua história e arquitetura, ricas em detalhes e singularidades que atizam a curiosidade dos turistas, sejam eles estudantes ou outros interessados. Dentre outras especificidades, o interesse dos estudantes e turistas se deve ao fato do rico histórico de Cachoeira, mas também decorrente de sua arquitetura, compostas por vários prédios e monumentos tombados pelo IPHAN. Esse tombamento é fruto da importância de cada item para a história nacional, uma maneira encontrada pelo governo e entidades competentes para conservar

e zelar por características e fragmentos que contam a história de um lugar, tornando-se o seu patrimônio⁹.

Instituiu-se o tombamento no Brasil a partir do Decreto-Lei 25, no ano de 1937. Instrumento que serviu como base para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), denominado hoje como IPHAN. O tombamento é uma forma de proteção e conservação do patrimônio Cultural:

Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Art. 5º O tombamento dos bens pertencentes à União, aos Estados e aos Municípios se fará de ofício, por ordem do diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, mas deverá ser notificado à entidade a quem pertencer, ou sob cuja guarda estiver a coisa tombada, a fim de produzir os necessários efeitos. (BRASIL, 1937, s/p)

Cachoeira, juntamente com São Félix, cidade co-irmã, teve o tombamento do conjunto arquitetônico e paisagístico em 1971, pelo Iphan, mas, anteriormente, alguns bens já tinham sido tombados individualmente na década de 1940.

A área tombada possui, aproximadamente, 670 edificações. O conjunto arquitetônico - formado na sua maioria por edifícios do século XVIII e XIX - caracteriza-se pela tendência neoclássica que, no século XIX, influenciou a construção de novos prédios e reformou os antigos. Este patrimônio também inclui edificações do século XVII. As formas de apropriação do sítio transformaram a cidade em um bem de relevantes qualidades paisagísticas. (IPHAN, 2014, s/p)

Dentre os monumentos e espaços públicos tombados, estão: Conjunto do Carmo; Capela Nossa Senhora D'Ajuda; igrejas do Rosarinho e Cemitério dos Pretos, Nossa Senhora do Monte, Matriz de Nossa Senhora do Rosário; imóveis nas ruas Benjamin Constant - antigo Arquivo Público Municipal (nº 17), Ana Nery (nºs 02 e 25), Sete de Setembro (nº 34), 13 de Maio (nº 13); nova sede da Fundação Hansen.

Para o entendimento do potencial turístico de Cachoeira, apresenta-se a seguir os principais pontos turísticos da cidade, data e ano de cada construção, além de suas características e especificidades.

⁹ O patrimônio passa a ser reconhecido como o conjunto de narrativas, de comportamentos, de bens, de objetos ou de testemunhos que assumem a representação de valores simbólicos e que, por isso, permitem a criação de uma identidade que une fortalece culturalmente o grupo detentor de tal patrimônio. Isso porque os grupos incorporam os patrimônios no seu cotidiano como uma referência da sua cultura, por meio de representações e dos rituais que fortalecem suas identidades. (CORÁ, 2014)

Construída no ano de 1789, a Casa de Câmara e Cadeia de Cachoeira foi o local onde D. Pedro I foi aclamado Regente e defensor do Brasil, em 1822. Sediou o Governo Legal da Província durante a Revolta da Sabinada (ver figura 8).



Figura 8 – Foto da Casa de Câmara e Cadeia – 1789
Fonte: JORNAL ONTEM, HOJE E SEMPRE, 2013.

Construído sobre “terrapleno que domina a Praça da Aclamação”, o edifício possui planta retangular que se articula com a Praça da Aclamação através de escadaria de pedra, em forma de tronco de pirâmide. O prédio tem edifício de dois pavimentos. No térreo localizam-se as celas da cadeia e um pórtilco, de onde nasce a escada de acesso ao sobrado. No primeiro pavimento além das instalações da Câmara existem duas salas que serviam como cadeia a presos ilustres. As fachadas se caracterizam pelo predomínio dos cheios sobre os vazios e pela distribuição irregular dos vãos. As janelas são protegidas por caixilharia em guilhotina ou robustas grades de ferro - cadeia. Na frontaria existem balcões com guarda-corpos de serralharia do séc. XIX. O sobrado é forrado e conserva no seu interior telas dos artistas José Couto e Antônio Parreiras. (LINS, 2012)

A Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira foi construída em meados do século XVIII no local onde existiu um engenho pertencente a João Rodrigues Adorno, um dos povoadores do local (ver figura 9).



Figura 9 – Foto da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira
Fonte: PATRIMÔNIO ESPIRITUAL, 2015.

Em 1688, um terreno próximo ao Morro da Mangabeira foi doado para a construção de um Convento. “A fachada da igreja conventual apresenta uma galilé (um alpendre entre a rua e os portais da igreja) com cinco arcos, que talvez seja influência do estilo franciscano, que possui belos conventos na região” (PATRIMÔNIO ESPIRITUAL, 2015, s/p).

No seu início, a Ordem foi utilizada de inúmeras maneiras pelo governo de Cachoeira.

Durante o século XIX o convento foi utilizado como quartel, escola, casa da moeda, câmara, tribunal de júri e hospital, e sua situação era precária. Muito do acervo se perdeu, mas conservaram-se os azulejos figurativos da capela do transepto; os painéis da nave, que Santos Simões data de 1760-70; quatro colunas salomónicas primorosamente entalhadas no altar-mor; forros com pintura ilusionista atribuídos à escola de António Simões Ribeiro e José Joaquim da Rocha, e a belíssima decoração rococó da sacristia (1780), onde existem também altar em talha joanina, dois arcazes e lavabo em pedra lioz. Contígua ao convento e em posição recuada em relação a este, a Ordem Terceira apresenta partido típico das sedes de grandes irmandades, incluindo capela em nave única, sacristia, consistório e cemitério. (LACERDA, 2012, P. 1)

Atualmente, a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira fica fechada durante quase todo o ano, exceto quando a Igreja se torna a sede da Festa Literária Internacional de Cachoeira (FLICA), que acontece anualmente há seis anos.

A atual Igreja de Nossa Senhora da Ajuda era considerada a igreja Matriz de Cachoeira, quando a cidade ainda era Vila, com o crescimento populacional da região, tornou-se necessário a construção de uma igreja maior para o acolhimento dos fiéis. Assim, a coroa portuguesa e o clero observaram a necessidade de uma igreja maior para se tornar a igreja principal da Vila, a Igreja Matriz do Rosário (ver figura 10).



Figura 10 – Foto da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira
Fonte: ARTE NA RUA, 2012.

A Igreja Matriz começou a ser construída no final do século XVI, sua obra foi prolongada durante vários anos, custeada pela população local com o auxílio da Coroa Real.

Igreja definida por planta retangular, com corredores superpostos por tribunas e sacristia transversal. Sua estrutura é constituída por caixa de paredes autoportantes, de alvenaria mista de pedra e tijolo, que suporta os assoalhos e cobertura. O frontispício é do tipo templo, ladeado por duas torres com terminações piramidais, revestidas de azulejos. Seu interior é muito rico, integralmente revestido de azulejos historiados, com mais de 4 m de altura. Forro em abóboda recobre a nave e capela-mor. A pintura do forro da nave é do tipo ilusionista italiano e teve como artista o pintor José Joaquim da Rocha. Seu acervo compreende numerosas imagens, telas, alfais e sacrário de prata. (IPHAN, s/d, s/p.)

Em sua parte interna, a Matriz do Rosário de Cachoeira é revestida por uma enorme coleção de azulejos portugueses, que foram fixados entre 1750 e 1760. Este é considerado o maior conjunto de painéis de azulejos portugueses fora de Portugal. Os altares laterais são em estilo rococó, e o altar-mor e os dois colaterais do cruzeiro são em estilo neoclássico.

O forro da nave tem pintura do tipo ilusionista de influência italiana, e tem como autor o pintor José Joaquim da Rocha, o mesmo artista que realizou intervenções que deram detalhes e que embelezaram diversas outras igrejas baianas, dentre elas a Basílica de Nossa Senhora da Conceição da Praia, em Salvador.

Todo o seu acervo é tombado pelo IPHAN¹⁰, assim como diversas igrejas e prédios de Cachoeira. Até hoje, a Igreja Matriz é prestigiada e elogiada pela sua beleza e sua importância para a cidade e, mesmo com o passar dos séculos, ainda continua sendo a principal igreja da cidade, local onde acontecem a maioria dos festejos religiosos da cidade e as missas semanalmente.

O Cineteatro de Cachoeira foi inaugurado em 12 de abril de 1923, tendo como proprietário o senhor Cândido Vacarezza, acontecimento inédito para a cidade e região, um verdadeiro evento para a cidade, com muitos visitantes interessados em conhecer o novo ponto de entretenimento da região, havia na época 480 poltronas, mas cabiam em média 700 pessoas (o restante em pé) (ver figura 11).

¹⁰ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. (IPHAN, 2015)



Figura 11 – Foto do Cineteatro Cachoeirano - 1952.
Fonte: INFORME ACADÊMICO, 2014.

O Cineteatro teve novamente seu ápice nos anos 1950. Em 1952 foi arrendado à empresa Marom, passando a ser chamado de Cineteatro Glória, havendo apresentações de ícones da música brasileira, como Luiz Gonzaga, Silvio Caldas entre outros artistas.

Atualmente, o Cineteatro tornou-se um dos principais locais de convivência da cidade, depois de longos anos fechado e de total abandono das autoridades competentes chegando a ter algumas partes jogadas ao chão, havendo por muito tempo tapumes de isolamento de sua fachada em ruína, foi necessário a apropriação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no ano de 2009, para a reforma e o funcionamento do prédio. Devido ao seu estado de conservação, foram muitos anos de reconstrução, ocasionados, também, por pausas no decorrer de sua reforma, sua reconstrução teve fim no ano de 2013 e, reinauguração deu-se no ano seguinte. A partir daí o Cineteatro sempre se manteve em funcionamento, com programação de filmes, peças de teatro e eventos durante todo o ano. (INFORME ACADÊMICO, 2014)

Primeira capela de Cachoeira, a Capela de Nossa Senhora D’Ajuda foi construída pelos jesuítas entre 1595 a 1606 em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e tornou-se o principal monumento para a então freguesia, servindo como referência para o crescimento da região. Sua localização era estratégica, pois ocorreu no alto do morro com sua fachada voltada para frente o Rio Paraguaçu, servindo como local de observação do intenso movimento do porto da Freguesia. Em 1637 a capela passou a ser a igreja matriz da Vila, tornando-se a matriz de louvor a Nossa Senhora D’Ajuda depois

de sua reconstrução. Essa obra incluiu a nave, o copiar, a capela mor, a sacristia e a torre sineira (figura 12). (CACHOEIRA BAHIA, 2011).



Figura 12 – Foto da Igreja de Nossa Senhora d’Ajuda.
Fonte: CACHOEIRA BAHIA, 2011.

Até hoje, as comemorações da Festa d’Ajuda movimentam a cidade, com festejos religiosos e profanos, com novenas, missas e embalos que animam o mês de novembro na cidade, as comemorações não têm uma data certa, mas é normalmente comemorada na primeira quinzena do mês de novembro. A festa D’Ajuda é considerada uma das principais festas da cidade, com grande fluxo de moradores e turistas no período festivo.

A Imperial Ponte D. Pedro II foi construída sobre o Rio Paraguaçu, ligando os municípios de Cachoeira e São Félix, inaugurada em 07 de julho de 1885, seu nome foi dado em homenagem ao então Imperador do Brasil, D. Pedro II, que autorizou a sua construção (ver figura 13).



Figura 13 – **Foto da Ponte D. Pedro II**
Fonte: CAMINHO DE PEDRO, 2013.

Sua estrutura é composta por ferro e lastros de madeira importados da Inglaterra e mede 365 metros de comprimento e 9 metros de largura. No ano de 2010 a ponte passou por uma reforma, tornando-se totalmente metálica. Sua construção foi significativa para a economia baiana, sendo à época, considerada uma das principais obras de engenharia da América do Sul, tornando-se um dos cartões postais de Cachoeira.

Com esses exemplos, percebe-se o potencial turístico de Cachoeira, principalmente no turismo histórico-cultural, pois, são variados seus acervos e prédios, com grande relevância arquitetônica e cultural. Cachoeira agraciou-se de uma história exclusiva, com relevância de amplitude nacional, composta por características e potencialidades que podem trazer benefícios para a cidade por meio da economia da cultura e criativa.

3.2. Análise de entrevistas

Com o intuito de analisar a viabilidade do uso da Economia da Cultura e criativa como uma possibilidade de desenvolvimento socioeconômico para Cachoeira, procurou-se achar pessoas que transmitisse a percepção dos moradores e gestores acerca

desse tema, optamos por pessoas que conhecem a história de Cachoeira e/ou tem papel importante na conjuntura administrativa da cidade, principalmente, cultural e turística. Foram feitas 3 (três) entrevistas: uma com o Professor de História e pesquisador da história de Cachoeira, Isaac Tito dos Santos Filho (entrevistado 1), com outro Professor de História, Nelson Moreira do Nascimento (entrevistado 2) e o com o Coordenador das Políticas Culturais e Identitárias, vinculada a Secretaria de Cultura e Turismo de Cachoeira, o Museólogo Gilson do Sacramento Santana (entrevistado 3).

As entrevistas foram feitas em março de 2017, a primeira com duração de 13m e 13s minutos, a segunda com duração de 8m e 19s minutos, a terceira com duração de 40m e 39s minutos. As entrevistas estão armazenadas em arquivos de áudio. Os entrevistados concordaram em serem citados na apresentação dos resultados da pesquisa e assinaram um termo de consentimento (Apêndice do trabalho) antes da gravação. As entrevistas foram parcialmente reproduzidas textualmente, a fim de identificar trechos mais significativos para a pesquisa.

Através da análise das entrevistas foi reafirmada pelos entrevistados a importância de Cachoeira para a história da Bahia e do Brasil, quando nos séculos XVII e XVIII, Cachoeira era compreendida como uma das principais cidades do Brasil, logo que passava pelo seu porto mercadorias vinda de todo o país a caminho da então Capital do Brasil, Salvador, tornando-se um local estratégico para o encaminhamento comercial existente na época. O entrevistado 1 salienta da prosperidade da então vila, que, também, havia um centro de intelectualidades, pois muitas personalidades das áreas políticas, artísticas e musicais nasceram em Cachoeira. O entrevistado 2 cita a importância de Cachoeira no processo de construção de um Brasil Independente, pois Cachoeira foi uma das cidades que iniciaram as lutas contra a Coroa Portuguesa, chamada de “Revolta da Sabinada”. Os trechos abaixo confirmam as nossas observações:

Entrevistador: Qual a importância de Cachoeira para a história da Bahia e do Brasil?

Bom, Cachoeira é uma cidade que tem uma importância muito marcante no presente pelo seu acervo cultural material e imaterial, [...] nós temos muitos casarios, igrejas da Época Colonial e Imperial, e que é considerado patrimônio nacional. Cachoeira, também, tem uma importância muito grande devido a sua história, devido a ter sido um dos grandes centros econômicos na época do ciclo da cana-de-açúcar e, posteriormente, do fumo, já na época do Império e que a fez a cidade próspera e centro de intelectualidades, já que inúmeras personalidades políticas, músicos, artistas, assim como na capital baiana afluiu e aqui mesmo nascia em Cachoeira (ENTREVISTADO 1, 2017).

Cachoeira foi o berço da Independência do Brasil, haja vista que Cachoeira era das cidades baianas, uma das mais importantes e logo que começou aqui as lutas se tornou mais importante ainda, partindo daqui os princípios básicos da formação do Brasil independente (ENTREVISTADO 2, 2017).

Durante as pesquisas foi notório o desconhecimento de um dos entrevistados acerca do papel do IPHAN para cidades como Cachoeira, compostas por áreas tombadas e por um acervo Patrimonial muito importante para a História Nacional. Esse desconhecimento caracteriza-se por falta de informações a respeito da importância proteção desses monumentos para cidade. O IPHAN, muitas vezes é citado como o “culpado” pela falta de desenvolvimento da cidade, essa opinião, infelizmente, é compartilhada por uma boa parte da população.

[...] pessoas têm interesse em morar em Cachoeira, comprar uma casa em Cachoeira, mas quando ver tanta coisas impostas pelo IPHAN para reforma de uma casa, muitas vezes aí não vem, não compra aquele imóvel, uma serie de imóveis na Rua Sete de setembro (rua composta por muitos sobrados, alguns em ruína), que esses imóveis poderia ser comprado, aquele ali (imóvel em frente ao Rio Paraguaçu) no Cais poderia ser comprado e fazer uma coisa diferente, mas não, tem que ser feito de acordo com IPHAN e de acordo com os moldes antigo, entendeu? Aquilo que era as pessoas vai ter que gastar muito, aí não se interessa em fazer alguma coisa (ENTREVISTADO 2, 2017).

Já o entrevistado 1 e 3 mostram compreender o papel do Iphan em cidades com áreas tombadas, como Cachoeira, pois, o Iphan, autarquia federal responsável preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro, tem o propósito de proteger e promover os bens culturais do país, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. Mas, esse conceito passa despercebido por uma parcela da população, adicionando ao Iphan apelidos e dizeres por discordar de suas ações acerca dos patrimônios protegidos. O entrevistado 1 cita essa realidade na entrevista.

Cachoeira ainda estar engatinhando na questão de valorização do seu próprio patrimônio, pelos gestores municipais e pelo próprio povo que ainda não tem uma educação patrimonial, ainda não valoriza o que tem, tanto que na mentalidade das pessoas de Cachoeira o Iphan é visto como um atraso para a cidade, algumas pessoas chegam a apelidar o Iphan até de “cupim”, é o que eu ousou, algumas pessoas que o chamam de cupim, imagina, um órgão que é para a preservação ser comparado a um inseto xilógrafo que destrói. E as pessoas querem mudar a fachada de suas casas, querem modernizar, não veem a possibilidade de isso ser um atrativo turístico, gerar renda para cidade e a gestão da cidade não faz uma educação patrimonial, nem se quer para os funcionários da prefeitura (ENTREVISTADO 1, 2017).

O tombamento foi algo muito feliz por parte do IPHAN, se não a gente já teria perdido toda a memória, todo esse patrimônio arquitetônico, tanto civil, como religioso, a gente sabe o porquê levaria, nessa lógica do mundo moderno, ainda mais caindo na mão de pessoas que não tem sensibilidade do que venha ser cultura, principalmente, quando se trata de pessoas que estão diretamente ligadas ao mundo mercadológico das coisas (ENTREVISTADO 3, 2017).

Por outro lado, essa rejeição estar ligada ao fato da comunidade não ser informada da necessidade do tombamento, ocasionando dificuldades para o entendimento da população acerca dessa imposição.

O IPHAN tem muita culpa, [...] faltou diálogo com a comunidade, foi uma imposição, não foi algo discutido com a comunidade, para entender o porquê de Cachoeira se tornar patrimônio nacional, diante de seu reconhecimento, seu processo histórico-cultural até mesmo econômico, a importância que teve entre os séculos XVII e XVIII na política econômica do país, foram essas esferas, então as coisas não foram discutidas com a comunidade, esse é um dos pontos que gera essa rejeição, essa insatisfação (ENTREVISTADO 3, 2017).

Para o entrevistado 1, o patrimônio de Cachoeira desvalorizado pelo povo cachoeirano, até mesmo pelos seus gestores, faltando-lhes educação patrimonial, o entendimento sobre a importância de cada característica existente nos monumentos. Dessa forma, não se compreende a importância do Iphan para a sua preservação, muitas vezes, por não acharem que esses monumentos sejam importantes para a História de um lugar. Outro ponto importante para essa indiferença é a constante busca por modernização de seus imóveis, mudanças proibidas pela autarquia.

Na observação do entrevistado 1, cidades do entorno de Cachoeira se perderam durante o tempo, ocasionado pela pressão da população, mudando suas características, perdendo seu diferencial, tornando-se algo indefinido, cidades com grande acervo patrimonial tentando se modernizar. Salienta, também, como o Iphan e o Ipac teve importância nesse processo, pois Cachoeira possui áreas e imóveis em sua maioria protegidos por esses órgãos e essas cidades não.

Entrevistador: Por ser uma cidade com áreas tombadas, não podendo sofrer transformações arquitetônicas, em sua opinião, Cachoeira fica prejudicada ou agraciada por ter esta característica?

Com toda certeza agraciada, se nós formos há algumas cidades do entorno de Cachoeira que não foram tombadas pelo Iphan e pelo Ipac, nós vemos [...] o

que costumamos chamar de estilo modernoso uma mistura do velho com o novo, algo indefinido e que torna-se até de mal gosto, Santo Amaro mesmo, uma das cidades mais antigas do Recôncavo assim como Cachoeira, mas, perdeu muito de sua originalidade, do seu patrimônio arquitetônico antigo, o que sobrou ficou misturado com o novo, as pessoas colocando revestimentos na fachada das suas casas ou tirando as figuras de estuque, as esculturas que ornaram o frontispício dos casarões e ficou feio, passou asfalto na rua, não combina. E Cachoeira de uma maneira forçada, foi forçada mesmo, se fosse pela vontade de muitos, até de gestores, ela (Cachoeira) estaria igual à Maragogipe, Santo Amaro, a São Félix que se descaracterizaram muito, perderam muito, e quando nós visitamos cidades que levam a sério essa herança de patrimônio, como as cidades de Minas, nós sentimos o potencial que essas cidades têm, inclusive trazendo divisas para seus moradores, seus investidores, comerciantes etc. (ENTREVISTADO 1, 2017).

Em alguns trechos, os entrevistados mostraram ter opiniões semelhantes sobre o papel dos gestores de Cachoeira, salientando sobre a falta de investimento e atenção por parte da administração municipal na valorização de Cachoeira, mesmo compreendendo seu potencial turístico, pela sua cultura, história e religiosidade. Acredita que falta em Cachoeira a valorização de seu Patrimônio, afirmam haver necessidade da instalação ou construção de museus, casas temáticas, falando do Samba de Roda, estilo musical tradicional da região, que teve Cachoeira como o berço, além os museus sobre o samba existentes na cidade estarem aquém de sua relevância para a história e cultura da cidade e região.

Acredito que Cachoeira merecia uma atenção especial [...] na revalorização do patrimônio, qualificação dos espaços, abertura de museus, Cachoeira tem tanto acervo de arte sacra, imobiliário e até mesmo da cultura popular, até hoje Cachoeira não tem uma casa do samba digno do samba de Cachoeira, nós temos a Casa do Samba de Dona Dalva que é um espaço pequeno e existe por abnegação de pessoas que passaram para ela. Mas, não temos um casarão com espaço amplo. A festa da Boa Morte mesmo que a cidade recebe um fluxo maior de turistas, a importância dessa festa, de cunho de valorização internacional, nós não temos assim, *folders* que possa explicar o turista o sentido da festa, não temos um espaço adequado para mostrar toda essa riqueza cultural. [...] Recentemente, colocaram placas pequenas, até na cor marrom, mas, eu acho insuficiente (ENTREVISTADO 1, 2017).

Nós temos uma cultura diversificada, quando se trata de Candomblé, o Samba de Roda, ritmos próprios de Cachoeira. Haja vista, que alguns tipos de samba são típicos de Cachoeira, mesmo, as festas populares que são típicas de Cachoeira, como a Festa D'Ajuda, a Festa da Boa Morte, que a gente só

encontra aqui em Cachoeira. O Rio Paraguaçu que é o diferencial dessa cidade do Recôncavo baiano (ENTREVISTADO 2, 2017).

Embora, ela seja tombada pelo Patrimônio Histórico, Artístico Nacional, ela não usufrui, tá entendendo? É dado as cidades tombadas. Suponhamos, nós temos aqui várias ruínas que poderiam ser aproveitadas e estão abandonadas. Não temos museus assim, propriamente ditos, temos alguns locais de visita pública, mas, museu [...] não temos, tínhamos o museu das Alfaías, mas acabou, temos o museu da Ordem Terceira do Carmo, o Museu Sacro, não temos visita pública todos os dias (ENTREVISTADO 2, 2017).

Segundo o entrevistado 3, a Secretaria de Cultura e Turismo vem fazendo o possível para o melhoramento e expansão das políticas culturais, se esbarrando na dificuldade financeira e na falta de investimento da iniciativa privada.

A secretaria de Cultura e turismo dessa atual gestão em harmonia com o pensamento do secretário, quando a gente fala de políticas públicas, o contexto cultural é bastante amplo por parte da secretaria que envolve vários segmentos, desde os grupos culturais, manifestações culturais, espaços culturais, instituições culturais, museu, como também a política de reparação racial que é um véis muito forte dentro dessa questão de tornar um polo da Economia criativa em Cachoeira [...]. Estamos com várias atividades, a gente sabe que a política cultural é um entrave, cultura no Brasil, principalmente, nos municípios é preciso ter pessoas comprometidas e que gostem de fazer cultura, que tenha o comprometimento mesmo se não as coisas não andam, tem as limitações de recursos e mais que nunca a gente precisa ter esse compromisso e criatividade para que as coisas aconteçam, umas das principais bandeira nossa (Secretaria) é justamente organizar toda a estrutura dentro do contingenciamento cultural. Umas das perspectivas em relação ao processo no decorrer das nossas ações e ter esse foco de como fazer o artesanato principalmente, trabalhar a cultura nessa perspectiva da Economia solidária, criativa e fazer com que essas pessoas que fazem o artesanato, para que eles comecem a fazer, eles são o elo principal do que faz acontecer, esse é o objetivo nosso, mostrar que essas políticas venham e der a resposta de forma sustentável, a partir do que eles produzem sejam também a forma da sobrevivência deles, fortalecer a identidade, direcionando a sua locução cultural, então um dos nossos objetivos é esse (ENTREVISTADO 3, 2017).

Segundo os entrevistados 1 e 2, existe ineficiência por parte dos governantes na sinalização turística em Cachoeira, mesmo havendo um constante fluxo de turistas brasileiros e de outros países, necessitando de sinalização bilíngue que oriente esses visitantes, mostrando-lhes o local de cada lugar ou monumento da cidade e, conseqüentemente, para quando houver festividades. Outra ineficiência detectada em

Cachoeira é a falta de funcionários na entrada da cidade, mesmo tendo um local para esse fim (Portal da cidade), que quando inaugurado teve um breve funcionamento.

Para que Cachoeira aumente o seu fluxo turístico, necessita-se de mudanças pontuais, seu trânsito urbano e sua iluminação pública, por exemplo, necessitariam de intervenções. No trânsito urbano carece de uma proibição do estacionamento de carros, ônibus e caminhões em frente aos monumentos, igrejas e casarões no centro da cidade, possibilitando a visibilidade dos turistas, no momento da visita e fotografias. Precisaria da instalação de iluminação específica, para que os monumentos fiquem com visibilidade durante a noite, além da retirada de postes de energia elétrica da frente do patrimônio e o enterramento dos fios elétricos. O entrevistado 1 comenta sobre essa observação.

Cachoeira, recentemente, teve um ordenamento de trânsito, mas aqui, ainda se estaciona em frente dos monumentos, fora alguns turistas quererem tirar a foto da Ordem Terceira, do Casario da Praça 25 de Junho, das igrejas em geral, tem ônibus estacionado, carros estacionados, postes de energia elétrica tomando a frente, iluminação inadequada, fios expostos, ainda existe pessoas que colocam cartazes, que [...] desqualifica o patrimônio, descaracteriza o patrimônio e nada é feito (ENTREVISTADO 1, 2017).

Os apontamentos e sugestões citadas nas entrevistas são pertinentes e devem ter uma atenção necessária dos gestores públicos de Cachoeira, são opiniões de moradores e entendedores da história e singularidade da cidade, necessariamente, devem ser levadas em consideração.

Nesse sentido, nas considerações finais, exemplificamos as deficiências encontradas na cidade de Cachoeira, possíveis soluções ou opiniões acerca dessa realidade, com o intuito de viabilizar melhorias no aproveitamento de suas características e potencialidades.

4. Considerações finais

A história de uma cidade é contada pelo seu povo, como também pelo seu ambiente urbano, casarões, prédios, monumentos. É a preservação da memória do seu repertório coletivo, compreendendo-se por um conjunto de ferros, madeiras, tijolos e muitas histórias que devem ser disseminadas para outras gerações e povos. Surgindo a necessidade de contato, comunicação, organização e troca entre pessoas. Entre as variadas cidades do Brasil, se engloba um conjunto de cidades que são consideradas “cidades históricas”, caracterizadas pela sua arquitetura, História, acervo cultural e produção artística.

Cidades representadas pela sua composição territorial, compostas por inúmeras peculiaridades e que as tornam dignas de uma atenção especial, na procura e identificação das necessidades urbanas e humanas, no aspecto de estrutura turística, a fim de proporcionar o desenvolvimento local.

Nesse sentido, é necessário pensar nas “cidades históricas” para além da arquitetura, pois elas são o resultado de um processo histórico, em que o mundo vivido sofreu interferências culturais muito específicas, de acordo com a gama de traços culturais que cada grupo imprimiu em seus espaços de vida social. É imprescindível salientar que as cidades envolveram, em vários domínios, numa lógica mercadológica, sendo compreendidas, diversas vezes, como uma forma de produtos a escoar em certos mercados, visão ultrapassada pela descoberta da importância em preservar certas características.

Percebendo as características e potencialidades de Cachoeira-ba, como uma “cidade histórica”, com peculiaridades exclusivas dela, acervo cultural e natural, tornando-se perceptível a existência de setores e atividades que a compreenda como uma “cidade criativa”, mesmo não havendo atenção e investimentos necessários.

Seguindo as definições da Secretaria da Economia criativa brasileira, figura 4 (Atividades relacionadas/associadas aos setores criativos nucleares) existe em Cachoeira quatro atividades relacionadas à Economia Criativa:

- A. **Patrimônio natural e cultural:** Museu da Câmara e Cadeia, Museu Arte-Sacra do Carmo (mesmo não abrindo todos os dias), Casa do Samba de Dona Dalva, Igrejas, Ponte D. Pedro II, entre outros.
- B. **Espetáculos e celebrações:** Festa de Iemanjá, São João, Festa da Boa Morte, Festa D’Ajuda, Flica, além de muitas festas católicas.

C. **Turismo:** Roteiro de passeios turísticos no Rio Paraguaçu: do Porto ao Iguape (atualmente acontece aos domingos, com hora marcada).

D. **Artesanato:** A criação de carrancas em madeira pelos Escultores de Cachoeira.

Desse modo, as quatro atividades listadas mostram a realidade de Cachoeira e apontam melhorias necessárias: 1. Primeiramente, necessita-se de um maior investimento dos Gestores públicos no próprio acervo arquitetônico e cultural, trazendo elementos da cultura que possa engrandecer essa cidade, até as festas que são tradicionais em Cachoeira. 2. Ordenamento no trânsito e iluminação em frente às Igrejas, prédios e monumentos para a requalificação e valorização dos espaços, além da abertura desses espaços ao público. 3. Falta a conscientização do cidadão sobre a importância do IPHAN em cada monumento e as obrigações e cuidados necessários para a sua conservação e manutenção. 4. As festas e celebrações devem valorizar suas tradições e especialidades, resgatar o que é seu. 5. Necessita-se de investimentos na visibilidade de Cachoeira em outros lugares, com instalação de *folders* nas estradas anunciando suas características e atrativos e sinalizações em todas as entradas e fronteiras, existem lugares sem sinalizações necessárias.

Portanto, existem em Cachoeira setores e atividades criativas, faltando-lhes atenção e investimentos, segundo eles (Gestores), ocasionados pela limitação de recursos.

Para que se alcance o desenvolvimento econômico a partir da Economia da cultura e criativa, necessita-se de investimento dos gestores públicos e privados com a divulgação dos atrativos de Cachoeira nas mídias; criação de passeios temáticos, paisagísticos e culturais; aproveitamento dos casarios para a instalação de museus contando a história de Cachoeira e seus filhos ilustres; elaboração e captação de projetos para o artesanato, atividade artística muito forte no município; melhoramento nas sinalizações das ruas, localização dos atrativos históricos e culturais e, a profissionalização do seu turismo, com ações criativas e eficazes. Mudanças que agregariam valor a Cachoeira e que transformariam em retornos econômicos.

Outra possibilidade interessante para Cachoeira e região seria a utilização da proximidade das cidades do Recôncavo Baiano, utilizando o conceito de Polos criativos, na perspectiva do desenvolvimento da Região. Apesar de Cachoeira se caracterizar por ser uma cidade com um turismo forte, porém marcado por acentuada sazonalidade, nos

momentos de grande presença de visitantes falta-lhe estrutura para acomodar todas as pessoas. Seria interessante, utilizar a proximidade de outras cidades do Recôncavo, como São Félix e Muritiba, para que essas pessoas possam se acomodar, ocorrendo uma relação de complementaridade entre Cachoeira e as cidades vizinhas, que poderão melhor se aproveitarem e se beneficiarem do turismo como importante eixo para uma situação de sustentabilidade social e econômica da Região. Para que isso venha a se tornar realidade, necessita-se do engajamento da sociedade e de seus gestores, significando uma nova forma de governança para as cidades envolvidas, para tanto, faz-se necessário que os gestores pensem à frente e tenham ou desenvolvam um modelo de liderança que pense e trabalhe o território de Cachoeira e da Região como um ente coletivo que requer coesão, parcerias e participação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Elder Patrick Maia. A economia criativa do (no) Brasil. **Cultura digital**, p. 1-14, 2012. Disponível em:
<http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2012/09/Elder-Patrick-Maia-Alves.pdf> Acesso em: 12 de outubro de 2016.
- AMARAL FILHO, Jair do. A endogeneização no desenvolvimento econômico regional e local. **Planejamento e Políticas Públicas - PPP**, IPEA, N. 23, p. 262-286, jun. 2001.
- ARTE NA RUA. **Giro pelo Recôncavo II**. 2012. Disponível em:
<http://www.artenarua.com.br/blog/giro-pelo-reconcavo-ii/> Acesso em: 06 de fevereiro de 2017.
- ASSUNÇÃO, D. M. et al. Da indústria cultural à economia criativa: As perspectivas dos setores criativos, p. 104-111, 2016. In. PINHEIRO, M. P., BARTH, M. **Indústrias criativas**. Novo Hamburgo: Feevale, 2016.
- BAHIA TURISMO. Disponível em: <http://www.bahia-turismo.com/cachoeira/municipio.htm>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2017.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011-2014**. 2.ed. revisada. Brasília: Ministério da Cultura, 2012.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas**. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- BRASIL. Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. **Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico Nacional**. Diário Oficial, Brasília, Rio de Janeiro, 30 nov. 1937. Disponível em:
[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto no 25 de 30 de novembro de 1937.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto%20no%2025%20de%2030%20de%20novembro%20de%201937.pdf) Acesso em: 16 de fevereiro de 2017.
- CACHOEIRA BAHIA. **Cidade Monumento Nacional**, 2011. Disponível em:
<http://cachoeirabahia.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.
- CAIADO, A. S. C. (Coord.). **Economia Criativa na cidade de São Paulo: Diagnóstico e Potencialidade**. São Paulo: FUNDAP, 2011.
- CAMINHO DE PEDRO. **Imperial Ponte D. Pedro II**, 2013. Disponível em:
<http://caminhodepedro.blogspot.com.br/2013/01/imperial-pnte-d-pedro-ii.html>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.
- CARVALHO, Gisélia Lima. **Região: a evolução de uma categoria de análise da geografia**. Boletim Goiano de Geografia 22 (1), p. 135-153. Jan/Jun, 2002.
- CLOSS, Lisiane Quadrado; OLIVEIRA, Sidinei Rocha de. Análise da Cidade Baixa como polo criativo potencial. p. 1-17, 2014. Disponível em:
[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39163989/IFBAE_2015_Analise_da_Cidade_Baixa_como_Polo_Criativo.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1486398925&Signature=ZC%2B%2BAGN9HXDxlpbvIUzK6TE2%](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39163989/IFBAE_2015_Analise_da_Cidade_Baixa_como_Polo_Criativo.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1486398925&Signature=ZC%2B%2BAGN9HXDxlpbvIUzK6TE2%2)

[2F%2FY%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DIFBAE_2015_Analise_da_Cidade_Baixa_com_o.pdf](#) Acesso: 06 de fevereiro de 2017.

CORÁ, Maria Amelia Jundurian. **Do material ao imaterial**: Patrimônios Culturais do Brasil. 1 ed. São Paulo: Educ:Fapesp, 2014.

COSTA, Armando Dalla; SOUZA-SANTOS, Elson Rodrigo de. Economia criativa no Brasil: quadro atual, desafios e perspectivas. **Economia e Tecnologia**, Paraná, Ano 7, Vol. 27, p. 151-159, 2011.

COSTA, Pedro; SEIXAS, João; OLIVEIRA, Ana Roldão. Das Cidades Criativas à Criatividade Urbana? Espaço, Criatividade e Governança na Cidade Contemporânea. Atas do XV Encontro da APDR subordinado ao tema Redes e Desenvolvimento Regional, realizado em Cabo Verde, p. 6-11, 2009. **Anais...**

FLAVIO, C. de Vasconcelos, RAFAEL, G. B. Goldszmidt e FERNANDO, C. M. Ferreira. Arranjos produtivos. **GV executivo**. Vol.4. N°3. P. 17-21. Ago./Out. 2005

FUINI, Lucas Labigalini. Os circuitos turísticos como manifestações atuais da governança territorial: o caso do circuito das frutas do estado de São Paulo. Encontros Nacionais da ANPUR, v. 15, 2013. **Anais...**

IBGE. **Cidades: Cachoeira/Bahia**, 2016. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=290490&search=||info%EF5es-completas>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.

INFORME ACADÊMICO. **Um espetáculo de lembranças**, 2014. Disponível em: <https://informeacademico.wordpress.com/2014/04/18/um-espetaculo-de-lembrancas/> Acesso em: 09 de fevereiro de 2017.

IPHAN, **Cachoeira-Ba**, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/112>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2017.

IPHAN. **O Iphan**, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872> Acesso em: 16 de fevereiro de 2017.

IPHAN. **Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (Cachoeira, BA)**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=1033 Acesso em: 25 de novembro de 2016.

JAGUARIBE, A. **Indústrias criativas**. Disponível em <<http://goo.gl/XJuHM>>. Acesso em 26 jul. 2016.

JORNAL ONTEM, HOJE E SEMPRE. **Datas cachoeiranas**. 2013. Disponível em: http://jornaldeontemhojeesempre.blogspot.com.br/2013_07_01_archive.html Acesso em: 06 de fevereiro de 2017.

LACERDA, Ana Maria. **Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo e Capela e Casa de Oração da Ordem Terceira do Carmo**, 2012. Disponível em: <http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra?a=972> Acesso em: 28 de outubro de 2016.

LINS, Eugénio Ávila. **Casa de Câmara e Cadeia Cachoeira e São Félix, Bahia, Brasil:** Equipamentos e infraestruturas, 2012. Disponível em: <http://www.hpip.org/Default/pt/Homepage/Obra?a=974> Acesso em: 28 de outubro de 2016.

LIMA, Selma Maria Santiago. **Polos criativos:** Um estudo sobre os pequenos territórios criativos brasileiros. UNESCO, Ministério da Cultura. Brasília, p. 27-110, 2011/2012.

LIMA, Selma Maria Santiago. **Polos criativos:** lugares de desenvolvimento. IV Seminário Internacional – Políticas culturais, Setor de Políticas Culturais – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil, p. 1-16, outubro/2013.

MACHADO, Ana Flavia. **Estudo 44:** Cidades Criativas. Projeto Perspectivas dos investimentos sociais no Brasil (PIS). UFMG/CEDEPLAR: Faculdade de Ciências Econômicas. p. 1-34, 2011.

MACHADO, Rosi Marques. Da indústria cultural à economia criativa. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 83-95, 2009.

MAIS BAHIA. **Heroica Cachoeira, Monumento Nacional**, 2011. Disponível em: http://maisbahia.blogspot.com.br/2011/05/heroica-cachoeira-monumento-nacional_09.html. Acesso em: 06 de fevereiro 2017.

PARDO, Jordi. Os Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992: As Marcas, memórias e aprendizados para reinventar uma cidade. In. REIS, A. C. F. **Cidades Criativas, soluções inventivas-** o papel da copa, das olimpíadas e dos museus internacionais. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2010. p. 47-104.

PATRIMÔNIO ESPIRITUAL – Fotos e histórias das Igrejas mais belas do Brasil, 2015. Disponível em: <http://patrimonioespiritual.org/2015/08/22/igreja-da-ordem-terceira-do-carmo-cachoeira-ba/> Acesso em: 29 de outubro 2016.

PUJOL, Giovana Ferreira. **Cultura da inovação:** concepções, manifestações e perspectivas nas empresas de economia criativa. Dissertação (Mestrado em processos e Manifestações culturais) – Feevale, Novo Hamburgo – RS, p.65, 2012.

REIS, Ana Carla Fonseca. Cidades Criativas: burilando um conceito em formação. **Iara:** Revista de Moda, Cultura e Arte, v. 4, nº 1, reflexões estéticas, abril, 2011.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades criativas, turismo cultural e regeneração urbana.** Web site, v. 20, p.1-7, 2009.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento:** uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

SANTOS, Ana Beatriz Costa Ferreira dos. Cidades criativas - a relação entre cultura, cidade e desenvolvimento. XI ENECULT - Encontro Nacional de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, p. 1-12, 2015. **Anais...**

SANTOS, Jadson Luiz dos. **Cachoeira - III séculos de história e tradição.** Salvador, EGBA, 2010. 148p.

SANTOS, Cleonice Rosa dos. **Cachoeira-Ba: Ontem e Hoje**. Disponível em: Arquivo Público de Cachoeira. Acesso em: 28 de outubro, 2016.

SCHMITZ, L. et al. Iniciativas culturais e desenvolvimento do turismo em Ivoti, RS, sob a perspectiva do conceito de cidades criativas. In: PINHEIRO, M. P.; BARTH, M. **Indústrias criativas**. Novo Hamburgo: Feevale, 2016, p. 78-86.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL CLUSTERS CRIATIVOS: reflexões e inspirações. São Paulo: Sesc; Fecomercio SP, 2015.

SERAFIM, Mauricio C. et al. Economia Criativa ou Indústria Criativa: Delimitação de um Conceito em Construção. **Encontro de Economia Catarinense**, v. 7, 2013.

SIEDENBERG, Diéter R. (Coord.). **Dicionário do desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2006.

SUA PESQUISA. **Sabinada**, 2014. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/sabinada.htm> Acesso em: 11 de março de 2017.

THROSBY, David. **The creative economy: theory and practice in the making of cultural policy**. *Presentation to International Conference on the Creative Economy, held in Salvador, Bahia, Brazil, organised by Observatory of Creative Economy – Bahia, 25-27 November 2015.*

THROSBY, David. **Modelling the Creative/Cultural Industries**. *Seminar on “New Directions in Research: Substance, Method and Critique”, held at Royal Society of Edinburgh, Scotland, 11–12 January 2007.*

UNESCO. Informe sobre la economía creativa. Edición especial 2013. Ampliar los cauces de desarrollo local. 2014. Recuperado el 29 de agosto de 2016, de UNESCO: <http://www.unesco.org/culture/pdf/creative-economy-report-2013-es.pdf>

UNESCO. **Comprender las industrias creativas**. *Las estadísticas como apoyo a las políticas públicas*. 2006. Recuperado el 22 de Junio de 2012, de UNESCO: http://portal.UNESCO.org/culture/en/files/30850/11467401723cultural_stat_es.pdf/cultural_stat_es.pdf

VALIATI, Leandro (Org.). **Indústria criativa no Rio Grande do Sul: síntese teórica e evidências empíricas**. [livro eletrônico]. 2.ed. Porto Alegre: FEE, 2013.

WORK FOUNDATION. **Staying ahead: the economic performance of the UK’s creative industries**. London: Department for Culture, Media and Sport, UK, 2007.

APÊNDICE

1. Termo de Consentimento
2. Roteiro da entrevista semiestruturada



**CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS.
COLEGIADO DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO PÚBLICA.**

TERMO DE CONSENTIMENTO INDIVIDUAL

Titulo do trabalho de conclusão de curso: **Possibilidades da Economia da Cultura e Criativa como fator de Desenvolvimento socioeconômico para Cachoeira/Bahia.**

A partir dessa pesquisa procuro analisar as possibilidades do aproveitamento de atividades e setores relacionados à economia da cultura e criativa em prol do desenvolvimento socioeconômico de Cachoeira-Ba.

Eu, _____ ,

RG _____ , declaro ter conhecimento dos termos e procedimentos que serão desenvolvidas como parte das coletas de dados do trabalho de conclusão do curso de graduação do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, com o objetivo de analisar as possibilidades do aproveitamento de atividades e setores relacionados à economia da cultura e criativa em prol do desenvolvimento socioeconômico de Cachoeira-Ba.

Portanto, afirmo a minha aptidão para responder a entrevista, ou colaborar com o andamento da pesquisa, desde que todos os dados aqui obtidos sejam somente usados para o referido trabalho acadêmico. Do mesmo modo, fica assegurado que poderei declinar de minha participação a qualquer momento do processo.

_____, de _____ de 2017.

Assinatura:

Roteiro para Entrevista Semiestruturada

Economia da Cultura e Criativa – Cachoeira/Bahia.

- 1- **Identificação do Entrevistado.** (Público alvo: Secretários ou ex-secretários municipais de Cachoeira, pesquisadores e professores especializados na história e cultura de Cachoeira).

Nome: _____

Formação: _____

Cargo: _____

- 1) Qual a importância de Cachoeira para a história da Bahia e do Brasil?
- 2) Quais os principais diferenciais naturais e culturais de Cachoeira?
- 3) Quais os principais caminhos para que Cachoeira se desenvolva em termos sociais e econômicos?
- 4) Segundo o IPHAN, Cachoeira é uma joia do patrimônio histórico brasileiro. Na sua visão, diante de tal importância, Cachoeira é tratada de maneira adequada pelos seus gestores? Como Cachoeira deveria ser tratada?
- 5) Quais as áreas que necessitariam de maiores investimentos e atenção por parte dos gestores de Cachoeira?
- 6) Qual a sua opinião sobre os investimentos da atual gestão nas áreas da cultura e do turismo em Cachoeira?
- 7) Cachoeira apresenta deficiências em suas estratégias de visibilidade nacional, por falta de propaganda. E até mesmo no cenário urbano local, com a falta de informações e sinalização nas ruas, referentes ao trânsito e à localização dos atrativos históricos e culturais. Isso prejudica o desenvolvimento turístico e econômico de Cachoeira? De que forma?
- 8) Tendo em vista seu expressivo potencial turístico, como os gestores públicos de Cachoeira deveriam agir para que os atributos de Cachoeira possam ser aproveitados e favorecer o desenvolvimento do município?
- 9) Por ser uma cidade com áreas tombadas, não podendo sofrer transformações arquitetônicas, em sua opinião, Cachoeira fica prejudicada ou agraciada por ter esta característica? Que evidências justificam sua resposta?

- 10) Que setores/ atividades da chamada Economia da Cultura e Criativa pode indicar como existentes em Cachoeira, e que poderiam ser melhor aproveitados/utilizados pelos gestores para reforçar e agregar valor às potencialidades do município?
- 11) Na sua visão, quais as possibilidades do uso desses setores/ atividades da Economia da Cultura e Criativa como fator de desenvolvimento socioeconômico para Cachoeira?